

*uma ficção científica fantástica de*  
**LADY SYBYLLA**

**DEIXE AS  
ESTRELAS  
FALAREM**

**DAME  
BLANCHE**



DEIXE AS  
ESTRELAS  
FALAREM

DAME  
BLANCHE

# DEIXE AS ESTRELAS FALAREM

*uma ficção científica fantástica de*  
LADY SYBYLLA

1ª edição  
2017

Copyright © 2017, Dame Blanche, Lady Sybylla

CAPA

Marina Avila

REVISÃO

Anna Martino e Clara Madrigano

DIAGRAMAÇÃO

Samuel Cardeal

Dados de Catalogação na Fonte (CIP)

---

SY981d Sybylla, Lady

Deixe as estrelas falarem/ São Paulo: Editora Dame Blanche, 2017.

*2.022 Kb; ePub.*

*ISBN: 978-85-92997-05-2*

1. Novela I. Título

CDD: B869.3

CDU: 821.134.3(81)

---

Todos os direitos reservados

## Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre Lady Sybylla](#)

[Confira as outras publicações da Dame Blanche](#)

[A casa de vidro \(As estações #1\)](#)

[Um berço de heras \(As estações #2\)](#)

[Lobo de rua](#)

[As Boas Damas](#)



# CAPÍTULO 1

Minha netinha é bochechuda, tipo aquelas antigas bonequinhas de porcelana que minha avó tinha. Os cabelos ainda bem ralinhos, mas é esperta. Ô se é. Tem aqueles grandes olhos brilhantes dos bebês, a curiosidade saltando sobre você, mal esperando para se pôr de pé e andar e dominar o universo. Zoe é esperta, vai crescer e, espero, dar trabalho à mãe com suas perguntas pertinentes e impertinentes. Já até vejo essa menina correndo sem fraldas pela casa, dizendo que não quer mais usar, que vai usar shortinhos, feito gente grande, porque não é mais um bebê. Tipo a minha bebê quando começou a fazer isso e eu atrás, feito uma louca. Crianças temporãs, quem nunca viu, não é mesmo? Não que eu não tenha sido, meus pais contaram altos causos sobre mim também.

—Aqui, mãe.

Uma xícara de chá de cardamomo, com um pinguinho de limão foi colocado à minha frente. A xícara amarela, de um jogo de seis, com a borda rendada e margaridas estampadas, com pires combinando, foi um presente meu. A sala de jantar era ampla, com grandes janelas, cortinas florais, tapete, uma mesa redonda bonita com um tampo de vidro de onde eu via meus pés. Uma casa de gente preocupada com limpeza e arrumação, um pouco fora de moda para o meu gosto, na verdade. Mas era uma casa confortável, isso nem se discutia.

Provei o chá, o vapor quente coçando meu nariz.

—Ah, que delícia. Obrigada, filha.

Pegando minha netinha do meu colo, ela me deixa saborear meu chá favorito em paz. Os biscoitinhos de amêndoas que gosto estão ali também. O chá estava perfeito. A cor, o sabor, o aroma, o limão. Tudo. Por isso, já estou preparada para a conversa que virá, aquelas conversas que a gente nunca gosta de ter com as pessoas que ama. Minhas mãos doem um pouco. Sinto os nós dos dedos doloridos, sensíveis a tudo, especialmente ao clima. O médico disse que é normal.

Os grandes olhos amendoados de Maísa estão marejados. Trancei seu cabelo no dia anterior e ela parecia uma rainha, suas bochechas altas, o rosto em forma de coração. Sei no que ela está pensando, quase posso ouvir suas maquinacões. Já vi esse olhar mais vezes do que gostaria. Ela está com o olhar baixo, seguindo com a ponta do dedo o padrão floral da toalha de mesa, como



se engolisse palavra por palavra daquilo que queria me dizer e não dizia. As maçãs do rosto são minhas e aqueles lindos olhos certamente são do pai. Ela lembrava muito a mim no temperamento... quase podia me ver mais jovem.

—Não fica triste, filha.

—Não dá, mãe.

Lá vamos nós de novo...

—Você já trabalhou tanto, viajou tanto, não pode ficar um pouco mais?

Não, vou enlouquecer. Apenas não posso admitir isso.

—Você sabe que eu preciso, Má – preciso especialmente da minha independência, mas não digo nada.

—E sua neta?

Olhei novamente para aquele rostinho de bolacha. Ela encontrou um biscoitinho de amêndoas sobre a mesa e esmigalhava em sua boquinha sem dentes, olhando firme para mim, como se nunca tivesse me visto. É... eu amava aquela coisinha bochechuda, como amava Maísa.

Maísa tinha o direito de reclamar. Ela conviveu mais com o pai do que com qualquer outra pessoa. Estive em terra por muito tempo depois que a gravidez complicada de Maísa me fez ficar ao seu lado durante os três últimos meses da gestação e durante esse último ano. Sei que ela postergou o máximo que pode para me prender ao seu lado, só que preciso sair daqui. Não se pode afastar o marinheiro por muito tempo do mar, nem eu de minha nave.

Não sei se gostei de ser mãe, mas sei que amo minha filha, disso não há dúvida alguma. Meus mamilos racharam, meu leite empedrou, minha paciência sumiu, o sono também. Ninguém apareceu para me ajudar nessa época, enquanto o pai estava embarcado. Amo Má, mas também amo a pessoa que sou, a desbravadora que não aguenta ficar parada, que não aguenta a rotina, que não consegue ficar num só lugar. Aquela que sabe negociar contratos e rotas, aquela que não transporta qualquer coisa, a durona atrás do leme.

Com bastante delicadeza com a louça de Maísa, pousei minha xícara no pires e a encarei. Ficamos ali, nos olhando, como se uma quisesse decorar o rosto da outra. O que será que ela via? Uma senhora, perto dos seus 90 anos, os cabelos pretos ficando grisalhos, as linhas de expressão se acumulando devagar ao redor dos olhos, as mãos doloridas e nodosas do trabalho braçal. Será que via os anos se avolumando atrás de mim, tal como ondas na praia, pensando que era hora de uma mulher da minha idade parar de trabalhar e ficar em casa? Não... Maísa me conhecia bem demais para pensar isso de mim. Ela podia protestar, mas jamais me impediria.

Em nossa sociedade, alguém com 90 anos jamais pareceria ter mais que 40. Vacinas genéticas ministradas na população séculos atrás retardou o envelhecimento, curou praticamente todas as doenças; nossa longevidade esticou dramaticamente, não sem consequências, claro, e todo o conceito humano de velhice e “terceira idade” acabou sendo revisto. Época estranha



aquela em que alguém com 90 anos estava perto do fim, eu pensava comigo mesma. Ainda assim, 90 anos era quase a metade da minha vida útil para o trabalho, algumas pessoas já me olhavam torto nesse ramo.

Tímidas lágrimas caíram dos grandes cílios de Maísa, pingando no topo da cabeça da nenê. Ela suspirou, infeliz, o que acabou me deixando um tanto infeliz também. Ver sua filha chorar de tristeza racha seu coração, por mais duro que ele seja. Senti um nó na garganta, quase não consegui falar.

—Eu não iria se não soubesse a mulher que você é, Má. Você e a nenê ficarão bem e vamos nos falar sempre – essa parte eu sabia que era mentira. – Tenho muitos créditos no canal sub-espacial só pra você.

O sorriso que me deu continuava triste, no entanto, ela preferiu não objetar. Já tivemos essa conversa várias vezes, quando eu disse que não ficaria para sempre, que voltaria para o trabalho um dia. Entendo que ela me queira mais perto, sei que é o amor incondicional que sentíamos uma pela outra, porém sei também que temos visões diferentes de vida e de carreira. Ela é uma mulher incrivelmente inteligente que gosta da rotina do trabalho de escritório, que gosta de ficar em terra. Eu sou o oposto completo.

Tomei o resto do meu chá e senti nó na garganta novamente, como se mãos invisíveis apertassem os tecidos do pescoço, fazendo meus olhos lacrimejarem. Não chore, Rosa, não chore, dizia para mim. Parecia que a gravidade tinha aumentado, porque eu não conseguia sair da cadeira. Era mesmo hora de ir. O dia que mais esperei naqueles meses todos agora era um dia que eu pensava em evitar. Uma ansiedade amarga se agitava no meu estômago como um peixe na rede.

Maísa viu que eu parecia imóvel e me avisou que estava quase na hora, uma hora que eu pedi que ela me lembrasse e, obedientemente, a contragosto, ela lembrou. Má me abraçou apertado, a bebê entre nós duas, seu cheiro de xampu de limão entrando em minhas narinas. Nossa pequena família. Beije a testa quente e com aquele cheiro suado e doce de bebê da minha netinha, Zoe, beije a bochecha quente e molhada de lágrimas de minha filha. Elas ficariam bem, sabia disso.

—Me avise quando chegar lá, sim?

—Aviso – sorri para as duas e beije Maísa mais uma vez.

Catei minha sacola com alguns poucos pertences, algumas roupas novas, meu diário de papel – sim, sou dessas – e olhei ao redor para ver se não tinha nada deixado para trás. Minhas malas já tinham sido embarcadas um dia antes, então a única muda de roupa que restou era a que eu usava e algumas coisas novas que Má comprou para mim. Do bairro da Ascensão, onde estávamos, até o Elevador Espacial, eram quinze minutos andando. Maísa comprou aquela casa de propósito, para sempre me dar uma desculpa para visitá-la quando passasse pelo planeta. Eu o

via da calçada, uma mega estrutura com quilômetros de altura, reluzente, moderno. Sentia os olhos de Maísa cravados em mim, balançando a neném no colo, ainda parada na porta. Tentei dar um sorriso alegre para ela, porém seu rosto só tinha tristeza. Acenei mais uma vez e segui meu caminho, o coração martelando no peito, os pés pesados, se arrastando.

Eu sou a capitã Rosa Okonedo, do cargueiro BCS Amaterasu, número de registro 0972-4460. Um cargueiro comercial tripulado entre tantos outros, o mais velho em operação com a mesma capitã, o que mais transportou farelos de milho e soja em toneladas, premiado três vezes por excelência em serviço pela autoridade de comércio. Ele estava lá em cima, ancorado no estaleiro de Escorpião, na outra ponta do elevador espacial, e eu não me aguentava de saudade de seus corredores e passadiços, do suave ronronar do motor ressonando por todo casco, da minha querida tripulação. Estou indo para casa.



## CAPÍTULO 2

Passar pela burocracia do elevador espacial era a parte mais demorada. Viagens espaciais, saltos vertiginosos no espaço-tempo, aumento dramático da longevidade humana e não conseguimos acabar com a burocracia. Um reconhecimento de íris e uma verificada no meu passe comercial – um reles cartão holográfico com os dados sobre minha nave e minha carreira – deveriam ser rápidos, não fosse a fila no saguão de embarque causada pela greve dos oficiais aduaneiros.

O Estaleiro de Escorpião era uma construção privada, assim como o elevador, e possuía dezenas de docas de ancoragem para naves de carga e de passageiros para até 30 pessoas. Para grandes naves de passageiros, o espaço-porto de Campo Girassol, lá embaixo, no planeta, despachava naves auxiliares, que acoplavam diretamente em órbita. Havia salas de espera, lanchonetes, banheiros, sofás, totens de imersão nas redes sociais e muito vai e vem de pessoas chegando e partindo.

As escotilhas panorâmicas me mostravam uma parte do planeta e também a longa fileira de naves ancoradas à minha esquerda, com uma nuvem animada de drones espaciais e robôs direcionando contêineres para seus respectivos espaços. A Amaterasu estava do outro lado, portanto eu não a via, mas reconheci alguns velhos colegas carregando.

Depois de quarenta longos minutos, minha bexiga reclamando, o chá com biscoitinhos já absorvidos pelo meu estômago, que roncava, o oficial me fez sinal para me aproximar, de olho nos passageiros e capitães mais exaltados que não queriam mais esperar na fila. Passou o leitor no meu olho direito, leu meu cartão e me desejou um bom embarque, esquecendo da minha cara assim que cruzei o detector de explosivos. Ajeitei a correia da minha bolsa no ombro e virei à esquerda, descendo a longa rampa rumo à ala de ancoragem.

Técnicos perambulavam com manifestos em seus pads holográficos pelo largo e longo corredor de ancoragem, com dezenas de comportas afastadas umas das outras. A estrutura era imensa para poder acoplar dezenas de cargueiros de uma vez, por isso levei mais meia hora andando até minha nave.

Ao chegar na comporta fechada de número 33, meu coração deu até uma descompassada. Amaterasu era um cargueiro comercial padrão, 12 deques, área de carga para vinte mil contêineres. Era o modelo mais caro da indústria, mas pouca gente sabe que eu o ganhei em um jogo de pôquer. Longa história.

Gastei muitos créditos do Consórcio na customização, a pintura branca reluzente com regeneração, motores e melhorias na gravidade artificial. Uma belezinha. Era a nave mais bonita da frota independente e era minha. Sou bem coruja, sim; admito.

Aproximei o rosto do leitor de íris e a porta se abriu com uma saudação.

—Bem-vinda, capitã Rosa Okonedo.

A passagem costumava ter uma defasagem de gravidade, então me agarrei aos apoiadores na lateral e andei com calma até a comporta da Amaterasu. Ela leu minha íris e a inteligência artificial levou diminutos instantes para acessar o padrão de retina, acessar meus arquivos, verificar a veracidade da minha identidade e abrir a passagem.

—Bem-vinda, capitã! – disse a inteligência artificial da Amaterasu.

—Obrigada, Jim – eu disse.

Jim tinha uma voz rouca, uma personalidade cativante e um imenso núcleo de processamento. Me custou caro, mas valeu cada centavo. Não precisava me preocupar mais com os erros do antigo sistema, nem com suas falhas constantes, que me fizeram perder carga e um tripulante uma vez. Jim era também meu cão de guarda quando a nave estava sem tripulação.

—Só faltava você, Rosa, pois a tripulação agora está completa.

—Bom saber.

—EI!

No final do corredor, um rapaz veio correndo e me abraçou com força. Como eu adorava aquele moço. Jensen era meu técnico de carga e logística. Era responsável pela acoplagem e desacoplagem de contêineres e a verificação de manifestos, bem como sua expedição. Jensen usava muito a sala de ginástica, por isso tinha ombros largos, braços fortes, o cabelo castanho claro e lindos olhos verdes. Por onde passava, homens e mulheres viraram as cabeças, pois era realmente muito bonito. Depois que seu pai morreu, um velho amigo meu, e sua mãe foi dada como morta em um acidente com uma nave, acabei me tornando sua tutora legal, pois não encontraram outros parentes. O que me deu uma série de dores de cabeça...

—Que bom te ver! – Ele me beijou no rosto demoradamente.

—Saudades?

—Claro! Sem você, essa nave não tem vida.

Foi então que o vi com um pad holográfico na mão, com um manifesto aberto.

—O que estamos carregando agora? – engoli o nó na garganta por vê-lo.

—Carne processada. O farelo de milho já foi carregado. Mais duas horas, no máximo.

Seu sorriso contagiante sempre me dava alegria. Mas nem sempre foi assim. Tive que tirá-lo da detenção mais vezes do que gostaria, até que uma juíza colonial lhe deu um ultimato, assim que fez quinze anos: ou frequentava um curso técnico e/ou superior para ser algo na vida, ou iria para o reformatório. Jensen optou pelo curso e trabalhava para mim desde então. Isso foi há 15 anos.

—Como foram as férias?

O que dizer? Longas, seguidas por uma intensa preocupação com a vida da minha filha e a saúde da minha neta, horas dormindo em cama hospitalar e do lado de um berço. Além da saudade do meu trabalho. Pelo meu silêncio, Jensen já pôde assumir como foi.

—Ruim assim?

Havia compreensão em seu olhar e fiquei grata por isso.

—Maísa e a nenê estão bem?

—Estão sim, estão lindas. – Falei com orgulho.

—Todo mundo já chegou, dá tempo de você se instalar antes da reunião de pessoal.

—Obrigada – pus a mão em seu ombro e segui meu caminho até meu alojamento.

O cheiro característico de seres humanos, maquinário e comida pronta era muito familiar. As passagens, portas, iluminação, avisos, tudo ali me lembrava mais um lar do que uma casa na superfície de um planeta qualquer. Estar de volta era gratificante, mesmo com uma pontada de culpa lá no fundo da mente.

Jim abriu as portas do meu alojamento e logo pedi uma comunicação com o terminal de Maísa, que atendeu prontamente. Ainda com a neném no colo, ela sorriu e não pude deixar de sorrir também. É muito triste viver com o coração dividido. Maísa era engenheira aeroespacial e trabalhava para a empresa que mantinha o elevador espacial, cuja sede ficava em Aspásia, o planeta abaixo de mim. Estávamos no sistema Prócion, bem perto da Terra.

—Tome cuidado, mãe. Tenha uma boa viagem.

—Obrigada, Má. Cuida bem da Zoe, evite trabalhar demais.

—Pra onde você vai agora?

—Não sei, ainda não olhei os manifestos. Mas eu aviso, não se preocupe.

Após mais algumas amenidades – Maísa prolongando o momento o máximo que pôde – nós desligamos. O silêncio do meu alojamento me entristeceu um pouco. Estava arrumado, limpo, mas sem aquele caráter pessoal que todo quarto deve ter. Tirei tudo quando fui para Aspásia, com medo de nunca mais voltar. Por isso, antes de qualquer coisa, desfiz as malas. Liguei no canal de notícias mais próximo, a ANN, enquanto recolocava fotos de Maísa e adicionava novas fotos da minha netinha. Sempre dizem que as avós mimam demais seus netos e eles têm razão, eu tinha fotos de Zoe de todos os tipos, e elas eram todas lindas. Arrumei as fotos na tela holográfica na parede, ampliei e admirei o rosto das duas por uns segundos.

Como Maísa ganhava muito bem, ela me deu alguns luxos em forma de roupas, calcinhas, sutiãs. Lotei as gavetas com as roupas caras, mas em geral eu acabava usando os macacões de serviço, porque eram mais práticos e confortáveis, com vários bolsos.

—... o governo avisou ao conselho de Próxima que qualquer ato contra a autonomia do Consórcio Terra será visto como um ato terrorista. Próxima foi implicada em recentes ataques terroristas em diversos setores extremamente populosos, além de ataques e invasões contra estações retransmissoras do espaço profundo. Os atos se tornaram cada vez mais audaciosos desde o Grande Ataque de Alfa Centauro, onde mísseis nucleares vaporizaram a capital da colônia. Várias manifestações em colônias pró-Próxima e simpatizantes foram organizadas contra o aumento de impostos e até a paralização das rotas comerciais mais movimentadas saindo de Alfa Centauro foi anunciada.

Isso me fez olhar para a tela holográfica, onde um jornalista falava com um grande prédio governamental no fundo, provavelmente a sede do governo colonial de Alfa Centauro.

—Uma reunião de emergência deve acontecer na próxima semana-padrão, em Ganimedes, apesar do protesto de Próxima, que exigia um lugar neutro. Espera-se que essas reuniões possam diminuir os atentados pelas próximas semanas.

—Capitã, Irmã Cecília a chama na Enfermaria.

—Estou indo, Jim.

Deixei as notícias de lado e segui para a Enfermaria no nível inferior. Irmã Cecília vinha de uma colônia naturalista, uma comunidade que vendia frutas, verduras e legumes para colônias a preços mais baixos e insistia em uma maior interação com a natureza, pregando em diversas colônias importantes, nem sempre bem-vindos, pois seus preços eram bem menores do que os parceiros comerciais oficiais do Consórcio e boatos corriam, em geral caluniosos, a respeito dos naturalistas, como de terem fé religiosa e de recusarem completamente o uso da tecnologia. Apesar de se chamarem de irmãos, eles não eram uma religião, era apenas a forma de tratamento comum entre os membros da congregação. Digamos que Cecília largou a pregação há muito tempo, mas era fácil identificá-la como alguém de dentro devido ao lenço sempre escondendo os cabelos.

—Rosa, como fico feliz em te ver! – ela abriu os braços e me deu um apertado abraço assim que entrei na Enfermaria.

—É muito bom voltar a bordo. Tudo bem por aqui? Suas férias forçadas foram boas? – Falei com ironia.

—Ah, sim... – ela baixou o olhar e desviou o assunto – Sente-se, eu estou vacinando a tripulação, só falta você.

—Algo grave? – perguntei. Vacinas são bem incomuns nesses dias.

—Uma gripe, acredita? Veio de Centauro, só podia ser.

Alfa Centauro foi o primeiro sistema solar habitado pela raça humana, então algumas coisas estranhas e arcaicas ainda brotavam por lá, como gripes. As vacinas eram apenas precaução, ultimamente o ser humano era uma criatura bem resistente.

Um leve toque no pescoço e pronto, vacina aplicada através de milhares de microagulhas de um aplicador padrão tão fino que parecia um hashi na mão de Cecília.

—E as mãos, ainda doem?

—Sim, ainda doem – olhei para elas, abrindo e fechando os dedos – Fiz os exercícios como você pediu, mas os nós dos dedos ainda estão doloridos.

—Podemos fazer umas ressonâncias para ver o que está acontecendo...

—Não – a interrompi, sendo que ela já trazia a haste do equipamento para perto – Quero ver a nave primeiro, depois tratamos disso.

Cecília parecia magra e abatida por alguma razão. Sua pele escura perdera um pouco da vivacidade que sempre adorei nela. Seus olhos pareciam tristes.

—O que aconteceu?

Um ano e três meses era um tempo muito longo para se deixar de voar. Estava preocupada com perdas de contratos, claro, mas minha tripulação era a maior preocupação que eu tinha, pois não podia deixá-los sem salários. Sei que a maioria arrumou trabalhos alternativos enquanto a nave ficou ancorada e tive que ir até à delegacia do estaleiro duas vezes para livrar a cara de Jensen, mas Cecília voltou para sua colônia e não tive notícias dela, apesar de ter tentado.

—Meu filho morreu... – sua voz falhou – quatro meses atrás.

A notícia me atingiu como um meteorito. Cecília via pouco o filho, que era militar, e sei que o período de férias forçadas foi bem-vindo para poder ficar com ele mais tempo. Umoh servia no planeta-natal deles, no setor de Cão Maior, e trabalhava na polícia do Exército.

—Umoh foi morto numa batida pra pegar contrabandistas dentro do arsenal. Não puderam fazer muito...

E eu aqui, deixando minha filha e minha neta no planeta para poder voltar ao trabalho. Sem saber o que dizer, apenas a abracei por um longo tempo, o corpo magro, quase frágil para quem não a conhecesse muito bem.

—Sinto muito, Cecília.

—Obrigada... – limpou a garganta, ergueu a cabeça e me deu seu costumeiro sorriso – Como não aguentava mais ficar lá, acabei voltando antes. Estou há mais de um mês aqui aguentando a rabugice de Jensen. – Ela riu.

Quando anunciei que voltaríamos à ativa, avisei com dois meses de antecedência, prometendo um mês de salário pago para todo mundo e, para minha surpresa, todos voltaram, exceto por Jensen, que permaneceu como meu zelador o tempo todo, mesmo tendo Jim para cuidar de praticamente tudo. Pela arrumação impecável da Enfermaria e o frescor das plantas,



minha médica embarcada vinha fazendo bem o seu trabalho. Para manter a cabeça ocupada ela até conseguiu um novo regenerador celular.

—E a tripulação, já os examinou?

—Já. Todo mundo bem. Jensen está tomando um suplemento de vitaminas, desde que cheguei que ele não comia comida natural e ele sempre descuida da anemia. Mas, fora isso, estão todos em boa forma. Estava acompanhando as notícias.... Acha que o problema em Próxima pode fechar as rotas comerciais?

Era uma boa pergunta, e justa, para dizer a verdade. Problemas com colônias quase sempre envolviam empresas e conglomerados comerciais, o que respingava nas rotas oficiais, prejudicando muitas naves. Tentativas de navegar fora das rotas padrão causavam muitas vultuosas, até mesmo suspensão de licença, e eu não queria me arriscar. Além de ser fácil se perder em rotas não oficiais sem as estações retransmissoras do espaço profundo, que guiavam milhares de naves todos os dias. Mas terrorismo e pirataria também causavam problemas.

Cecília era minha amiga há muitos anos, e a mais velha a bordo depois de mim. Passamos por poucas e boas em todos aqueles anos juntas. Ela conhecia cada expressão que eu tinha e podíamos falar muito sem pronunciar uma palavra sequer.

Liberada e com boa saúde, fui para a ponte, lá para cima, perto do deque 2. Ouvi a voz de Jim fazendo relatórios atualizados sobre a situação da nave e a voz de Akilah, minha técnica em comunicações. Engenheira de comunicações de formação, ela acabou não conseguindo mais emprego depois de um episódio de bebedeira e desordem muito mal explicado. Conseguiu abrigo na Amaterasu, a única nave que a empregou. Muito quieta, cabelos raspados, pele escura e lábios em forma de coração, não era dada a muitas demonstrações de afeto, mas era leal e fazia bem seu trabalho. Akilah era meu mistério diário, pois eu sabia muito pouco sobre sua vida e ela não fazia questão de falar a respeito.

Quando entrei na ponte, seus grandes olhos escuros me viram e ela deu um sorriso tímido.

—Bem-vinda, capitã. Férias longas.

—Sim. Tudo bem, Akilah?

—Sim, sim. Tudo.

Um ano e três meses sem emprego e ela nunca me enviou uma mensagem pedindo ajuda ou perguntando se estava tudo bem, quando ou se voltaríamos, diferente de Jensen, que mandava mensagens diárias. No entanto, foi a primeira a responder minha convocação para retornar à Amaterasu.

—Recebemos updates dos principais canais de comunicação, algumas mudanças de bandas e novas estações de retransmissão estão funcionando, a nave está pronta.

—Que bom, isso é ótimo.

Olhar aquela ponte fazia o coração afundar de saudade. Sua forma era circular, ampla, cerca

de vinte metros de largura, por quinze de comprimento. Uma escotilha panorâmica reforçada que me mostrava o espaço frio e escuro adiante, por onde algumas naves já se afastavam para o primeiro salto estelar. As bancadas estavam todos acesas, telas holográficas funcionando e as funções da nave aparecendo em várias delas. Akilah abriu algumas telas, verificando sequências de códigos de saltos estelares, frequências automáticas de registro e o estado geral de antenas e transmissores, como se eu nem mesmo tivesse entrado na ponte.

Sentei na minha cadeira, alisando com carinho os braços dela e verificando os botões de costume em cada lado. Imagens de negociações e situações difíceis com patrulhas de comércio pulularam pela minha mente, como se as revivesse. A vez em que fomos atingidos por um meteorito e quase perdi a nave...

Meus devaneios foram interrompidos pela voz rouca de Jim. E ao meu lado. Me virei assustada e dei de cara com um androide humanoide, platinado, de olhos azuis brilhantes e detalhes em preto, branco e azul pelo corpo prateado e polido. Parecia ter acabado de sair da caixa.

—Jim?! — Perguntei, com espanto.

—Sim, capitã, é bom vê-la. Bem, vê-la de novo e desta forma.

E, de trás dele, apareceram os grandes olhos castanhos de Deepa, minha especialista em navegação e em sistemas, com seus longos cabelos escuros cacheados e seu sorriso amoroso.

—Deepa! — eu a abracei, mas não tirava os olhos do androide.

—Rosa, como é bom te ver! Olhe só pra você!

—Mas... — aponte para Jim, que nos observava com... devo dizer... curiosidade?

—Ah, eu consegui um bom negócio no núcleo do processador dele e o troquei por um androide, três vezes mais avançado e, o melhor, móvel. Mas não se preocupe, ele está presente tanto na nave quanto aqui — Deepa apontou para Jim.

—Aliás é uma sensação bastante curiosa ter a visão pelas câmeras frontais do androide e pelas câmeras espalhadas pelos corredores da nave — ele disse — É um efeito doppelgänger bem interessante.

Sua desenvoltura me espantava, parecia que eu conversava com uma pessoa orgânica mesmo. Nossa sociedade aprendeu de maneira dolorosa que conceder consciência para robôs e androides causava muita dor de cabeça e, desde o Grande Incidente, séculos atrás, que a tecnologia, digamos, emburreceu. Androides e robôs tinham protocolos que impediam uma grande socialização com humanos. Por exemplo, robôs para sexo eram proibidos, robôs com órgãos sexuais eram proibidos, robôs com aparência humana eram proibidos. Por isso Jim tinha a estrutura platinada e em cores, com olhos nitidamente artificiais e nenhum órgão sexual. Nós tínhamos que saber que estávamos falando com uma máquina. Apesar de haver movimentos que visavam uma maior humanização da inteligência artificial, eles nunca conseguiam ir muito longe

com todas as restrições do governo para pesquisa.

—Você pode levá-lo para negociar, por exemplo, que a nave permanece em operação. Ele pode ajudar Jensen com a acoplagem de cargas perigosas e com a agitação dos contêineres...

—Deepa, você fez bem, não precisa me convencer – seu olhar parecia aliviado – Uau, Jim, nunca pensei em ver você fora das telas holográficas. Você parece... ótimo.

—Obrigado, capitã.

Notei que Akilah não gostou muito da presença do androide. Ela o olhava de viés, com evidente desagrado, talvez imaginando que aquela coisa queria se passar por humana. Ele até poderia simular humanidade na forma de falar de sua voz sintetizada, mas não tinha consciência. Seu software era simplesmente muito bom, top de linha, o melhor do melhor... bem, você entendeu. Nenhum engenheiro de softwares se arriscaria a ser preso ao desenvolver uma inteligência artificial consciente.

Naquele instante, Jensen e Irmã Cecília entraram na ponte como se respondessem a um chamado para uma reunião. Olhar para aqueles rostos deu uma mexida no meu coração, especialmente depois de tanto tempo, ver o quanto pareciam os mesmos e o quanto pareciam diferentes ao mesmo tempo. Eram mais que meros tripulantes. Eu tinha gente fiel e trabalhadora que, mesmo após os problemas da vida, mesmo após eu ficar mais de um ano parada, estava ali. Era mais do que eu poderia pedir.

Foi Jensen quem viu meu embaraço e deu um passo à frente.

—Terminamos de carregar a carne processada.

—Mais alguma coisa na fila? – minha voz deu aquela falhada típica de quando eu ficava sem jeito.

—Não, entrou tudo – o que não era muito, na verdade. Já chegamos a viajar totalmente carregados.

Eles esperavam algo de mim, eu podia sentir e ver em seus rostos. Talvez estivessem tão ansiosos e apreensivos quanto eu para voltar à ativa. Todos carregavam suas histórias, medos e problemas. Trabalhar em cargueiros gerava uma alta rotatividade, por isso tripulações variavam muito, mas não na Amaterasu.

—Muito obrigada por estarem aqui. Sei que peguei vocês de surpresa com a suspensão das atividades e fiquei com medo de desampará-los. Ver vocês na nave mais uma vez, como se tivéssemos nos despedido ontem no estaleiro, me faz pensar se eu mereço a companhia e o trabalho que desempenham.

—Não tem nave melhor pra se trabalhar, Rosa – disse Deepa e senti o revirar de olhos de Akilah.

Ri de lado, meio sem jeito, como se minhas mãos e pés ficassem grandes demais e eu precisasse mexê-los para que encolhessem e coubessem novamente na nave, e disse a Jim que

nos desacoplasse do estaleiro assim que recebêssemos autorização e que programasse nossos saltos estelares até nosso porto de destino, em Groombridge, setor da Ursa Maior.



# CAPÍTULO 3

Eu tinha um gabinete privado ao lado da ponte. Entrar nele me fez sentir que, finalmente, nosso trabalho tinha começado. Era um gabinete austero, com uma mesa, um balcão de controle, com sistemas integrados com Jim e com todos os tripulantes. Minha máquina de café e um sofá amarelo onde dormi centenas de vezes, cansada demais para voltar para meus alojamentos.

—Voltei, querida...

A cadeira estava recolhida na mesma posição em que eu a deixara. Lembro de tentar ajeitá-la diversas vezes, me demorando o máximo possível para não sair dali. Sei que parece idiota, tendo uma filha com problemas sérios de saúde, precisando de mim, mas eu amava meu trabalho. Fiquei vários minutos empurrando e ajeitando as rodas da cadeira, pensando no que estava fazendo. Agora, sentar nela parecia diferente. Ela parecia fria, mais dura do que eu lembrava.

O tampo da mesa se acendeu assim que reconheceu minha biometria, abrindo telas variadas. Sinais de mensagens piscavam, sinais dos sistemas, sinais de comunicações, sinais, sinais, sinais.... Me ative às mensagens arquivadas e que deixei de ver naquele último ano. Abria somente as mensagens pessoais quando estava com minha filha, no entanto, os contatos profissionais ficavam todos na nave. E eram muitas mensagens.... Fiquei sabendo que alguns colegas de rotas se aposentaram, outros morreram, outros foram substituídos por seus imediatos e duas naves foram descomissionadas. Com a idade que eu tinha e com o tempo de estrada, não era incomum ver tantos colegas deixando o ramo. Não deixava de ser triste, sabe? Não dava para evitar a sensação de estar sendo ultrapassada.

Amaterasu era um cargueiro independente. Eu conseguia contratos com empresas menores, ao invés dos grandes conglomerados comerciais, que detinham suas próprias naves – e pagavam menos também. Empresas menores, como as de pequenos agricultores coloniais, ou pequenas manufaturas, precisavam de contratos com cargueiros e era aí que entrávamos. Este, porém, era um negócio que encolhia. As pequenas empresas estavam, aos poucos, sendo absorvidas pelas grandes, e eu já recebera várias propostas de integrar alguma frota privada. Claro que ter assistência dos grandes estaleiros privados era tentador, com toda a sua tecnologia de ponta e

grandes mecânicos, mas perder minha independência me assustava.

Abri e fechei os dedos várias vezes depois de responder algumas mensagens de cortesia. Gente feliz por eu ter voltado e já oferecendo cargas. Algumas pequenas empresas coloniais mandando boas-vindas. E uma mensagem ou outra de provocação de outros cargueiros. As mãos pareciam me avisar do cansaço. Os nós dos dedos doloridos e sensíveis ao ar condicionado da nave, mas não deixei de responder com ironia ácida que estávamos de volta e que ficaríamos com todas as cargas deles se pudéssemos.

Eu estava no espaço há quase quarenta anos. Abandonei a vida colonial, a vida de funcionária do espaço-porto, minha primeira esposa e uma relação disfuncional, apostei alto e ganhei o cargueiro de casco desgastado que parecia não querer mais voar. Ele estava atracado havia mais de um ano quando o ganhei. Parecia mesmo velho e desgastado, mas eu via ali muito potencial. Gastei um dinheiro que não tinha para refazer a pintura do casco, reforçar blindagem e trocar motores e sistemas para chegar no final e ninguém querer carregar comigo, afinal, eu acabara de chegar e ninguém me conhecia. Isso acontece.

Minha primeira carga foram dois contêineres de tangerinas que implorei a um conhecido para poder carregar até o planeta vizinho, porque precisava do dinheiro, já grávida de Maísa. Ganhei pouco mais de 4 mil créditos com aquela carga irrisória perto dos meus 11500 contêineres de agora, que também parecem poucos perto dos vinte mil que a Amaterasu carregava na totalidade. Existiam cargueiros privados que podiam carregar até 50 mil contêineres e cargueiros militares chegavam a 150 mil.

O pai de Maísa aguentou bem meus períodos embarcada. Até que, finalmente, desistiu, e nossa relação acabou quando ela tinha uns 4 anos. Felizmente, é um bom homem, muito consciente das dificuldades espaciais envolvidas no transporte de cargas, e sabia que jamais me tiraria da minha ponte. Mas é inevitável pensar que eu tenha pecado como mãe. Ele esteve ao lado de Maísa em várias decisões importantes da vida dela enquanto eu negociava contratos e saltava pelas rotas de carga. Por alguma razão, Maísa não guardava rancor. Ele a criou bem.

—Atenção, tripulação. Segundo salto em três, dois, um... — a voz de Jim avisou, um flash apareceu e tudo voltou ao normal — Recarregando drives de salto pelas próximas três horas, navegando em espaço normal rumo a Groombridge.

Carne processada e farelo de milho, era o que dizia o manifesto. Não era uma carga de valor muito alto, porém a cooperativa agrícola de Aspásia sempre pagava em dia. O que me preocupava era não ter um segundo manifesto de carga quando chegássemos no porto.

Me recostei em minha cadeira e olhei para o espaço pela escotilha. Um planeta distante, esverdeado e com anéis aparecia ao fundo. Um ano e três meses sem contratos poderia me custar muito dinheiro, e não queria deixar de pagar a tripulação pelo trimestre. Manter uma nave parada no estaleiro por todo esse tempo já tinha sido bem caro. Assim, me volvei para o computador e

mandei mensagens para todos os pequenos aglomerados comerciais com quem trabalhei no passado e até me arrisquei a fazer trabalhos freelance para alguns contatos militares que tinha. Às vezes, surgia um transporte de urgência, e a grana era sempre alta, apesar do sigilo da operação.

Vendo que nada mais chegava naqueles minutos em que fiquei olhando para a tela holográfica, resolvi esticar as pernas. Jim continuava na ponte, de pé, como um mastro, controlando a recarga dos drives de salto e lidando com propulsão, ambiente, gravidade artificial em sua infinidade de cálculos.

—Posso ajudá-la em algo, capitã? – Ele se virou ao meu ver, não sei por qual de seus milhares de olhos.

—Ahnn, não. Vou passear.

—Claro, capitã, boa caminhada.

Agora que estávamos de volta, resolvi passar a nave em revista. Nem precisava fazer isso, na verdade: a inteligência artificial tinha total controle das funções, mas faltava aquele toque humano, sabe? Aquela sensação pessoal de olhar para as paredes, alisar as anteparas e sentir a leve vibração dos setores traseiros, próximos aos propulsores. Amaterasu era branca, o que é difícil de manter pelos detritos espaciais, poeira e gelo que costumamos encontrar pelo caminho, sem contar os dejetos humanos congelados. Sim, era um capricho meu, não abriria mão. Mas tintas para cascos vinham preparadas com camadas de bactérias que comiam dejetos e isso protegia a nave.

Quando Máisa era pequena, nas férias da escola, costumava voar comigo. Era comum vê-la correndo atrás de Jensen, que era mais novo que ela, na época. Os dois se metiam pelos dutos de ar e chegavam imundos na enfermaria, com arranhões e hematomas. Era quase impossível controlar aqueles dois. O filho de Cecília tinha mais ou menos a mesma idade e costumava andar a bordo conosco. Puxa... não consigo pensar no sofrimento da minha médica, de ter que andar naqueles mesmos corredores onde criou o filho.

A nave estava praticamente em silêncio. Com o fim do dia de trabalho, todos se recolheram para seus aposentos. Só eu fiquei andando ali, sem sono, ansiosa demais para desligar a mente e dormir.

Uma tela holográfica se abriu no corredor enquanto eu me dirigia para meu alojamento. O próximo salto estava para acontecer e uma contagem regressiva tinha começado. Pelo visto, eu andara por três horas sem nem perceber. Jim sabia que era a hora do descanso, por isso não anunciou em voz alta. Um flash e nada mais e fui para a cama tentar descansar.

\*

—Capitã Rosa?

Cheguei a encostar a cabeça no travesseiro?

—Capitã?

—... sim? – a voz falhou e reforcei – Sim, o que foi?

—Autoridade Colonial de Comércio chamando de Groombridge.

—Já chegamos? – Perguntei surpresa.

—Duas horas para os procedimentos de atracação, mas a autoridade colonial pediu um contato direto com a capitã. Não especificou o assunto.

Eu não conhecia a autoridade de Groombridge, por isso aquilo realmente me intrigou. Permaneci na cama, pensando em quem poderia ser e permiti que a comunicação se estabelecesse em meu quarto, com as luzes baixas, para não incomodar meus olhos. Então, uma tela holográfica se abriu sobre mim, o símbolo do porto brilhando por alguns instantes e eis então que um rosto bem conhecido apareceu.

—Sanchez! – arregalei os olhos de surpresa – Não acredito!

—Como vai, capitã? – ela sorriu de volta.

Sanchez serviu na Amaterasu por seis anos, até que conseguiu bolsa de estudos em Centauro, e partira havia muito tempo. Recebia uma mensagem ou outra de vez em quando, mas ela nunca parecia ficar em um lugar só. Seu cabelo estava finamente trançado rente à raiz, com contos coloridas, e ela usava um macacão de serviço mercante com a patente da autoridade colonial bem visível.

—Você é a autoridade de comércio em Groombridge? – perguntei, espantada.

—Sim – confirmou, com orgulho – Eu disse que aquela bolsa de estudos me levaria bem alto, não disse?

—Menina, é bom te ver – eu também estava orgulhosa.

—É bom te ver, capitã. Quando vi sua nave na programação do dia nem pude acreditar. Você sumiu por um bom tempo.

Expliquei resumidamente o que tinha acontecido com Maísa, que ela praticamente viu crescer, e que agora estava tudo bem.

—Já que você voltou à ativa, tenho algumas cargas pra você, capitã.

—Que as estrelas a iluminem, menina, eu realmente preciso!

Passamos as duas horas seguintes discutindo as cargas, falando da vida e dos projetos pessoais. Ela me mostrou a foto das filhas gêmeas e falou de como o cargo em Groombridge era bom, pois além do alojamento grande, nave pessoal e um alto salário, as filhas tinham escola garantida. Aquele era um bom porto, sem dúvida. Muita gente gostava de carregar e descarregar ali, onde havia um bom estaleiro, ótimos mecânicos e escritórios de empresas pequenas e médias que contratavam muitos cargueiros como o meu.

Jim cuidou dos procedimentos de atracação durante o tempo em que ficamos papeando, a nave acordando aos poucos. Sanchez nos deu uma doca privada, próxima dos elevadores de



carga, e estava lá no momento em que as comportas pressurizaram e se abriram. Alta e esguia, como eu me lembrava, e com a autoridade sobre os ombros.

—E eis que a maior capitã de toda a frota independente pisa no meu humilde estaleiro.

—Ahh, para, eu sei – sorri e nos abraçamos longamente – É tão bom te ver, Sanchez.

—Muito bom vê-la também, capitã. E como está todo mundo?

—Do seu tempo tenho apenas o Jensen, que já tá bem crescido, e a Irmã Cecília. Jensen está agitando os contêineres pra tirar o gelo e logo desce aqui. E quem diria você, autoridade colonial.

—Foi uma caminhada longa assim que saí da faculdade, mas valeu a pena, apesar de tudo. É um bom posto, muitos contatos. Por alguma razão, me lembra muito de você.

—De mim? Esse posto é pra quem gosta de ficar parado – começamos a rir, já que ela sabia que eu odiava rotina e burocracia.

—É mais pela dinâmica do trabalho. Falo com muita gente, negocio muitos manifestos. Até me sinto um pouco como você, negociando contratos.

—Você tem população fixa aqui?

—Somente guardas e equipe de administração. A maioria vem do planeta lá embaixo. A colônia é fria, mas é habitável. O clima aqui em cima é melhor.

Uma luz vermelha acendeu no corredor que identificava a posição da Amaterasu na doca, avisando que a carga começava a ser descarregada depois da agitação que removeu as camadas de gelo. A área de carga não era totalmente pressurizada, havia uma atmosfera rarefeita e alguma gravidade, pois era um custo muito alto de energia, e o frio do espaço ajudava a manter a refrigeração, especialmente de cargas de comida, que precisavam de temperaturas baixas. Amaterasu possuía uma área pressurizada para as cargas muito sensíveis, como equipamentos e tecnologias avançadas, que estragariam no gelo. Como geralmente a carga que eu carregava era comida, pouco usava essa parte.

—Só 11500 contêineres? – Sanchez se espantou.

—Tive sorte de conseguir essa carga – lamentei.

—Pois eu tenho 15 mil contêineres de farelo de soja, farinha de trigo, frutas desidratadas e farinha de centeio esperando um cargueiro. Conhece algum? – ela me olhou com ironia.

Imagina se eu não pegaria aquela carga? Aceitei na hora. Aceitei também os dois mil contêineres de castanhas, açaí, lentilhas, queijo artesanal e leite que Sanchez também tinha em mãos. Meu mês estava garantido.

Liberei a tripulação para circular pelo porto e Akilah, para a minha surpresa, aceitou. Foi a primeira a sair assim que terminamos de descarregar. Geralmente ela ficava na nave, trancada em seu alojamento, sem falar com ninguém. Desta vez, mal esperou a ordem de sair. Jensen me olhou com ironia enquanto seguia pelo corredor junto de Deepa. Jim e eu fomos atrás, o androide me garantindo que a nave estava segura e que seus olhos viam tudo o que ocorria lá dentro.

Tínhamos uma hora, mais ou menos, para começar a carregar os novos contêineres, e levaríamos horas do fino trabalho de Jensen para acomodar todos eles.

Groombridge vibrava de agitação, vai e vem de pessoas, bares, cassinos, escritórios, empresas de drones e de aluguéis de contêineres. Os longos e coloridos letreiros anunciavam todo o tipo de barganha para quem estava atracado, trocas de peças, os melhores mecânicos, estofamento novo para sua nave, suprimentos frescos, água mineral vinda diretamente dos aglomerados de gelo do setor da Ursa Maior – o mais fresco do setor! Casas de shows e teatros, casas de massagem e centros esportivos estavam à disposição por preços módicos, e bordéis legalizados forneciam seus serviços em cada esquina, com seus homens, mulheres e não-binários no catálogo. Fora da área de recreação, bancas de frutas e vegetais frescos enchiam os olhos a perder de vista pelo longo corredor. Vi Akilah ao longe, enchendo uma sacola com eles, caixinhas e mais caixinhas.

Irmã Cecília levou Jim para a feira, onde reabasteceu os suprimentos da cozinha e trocou algumas caixas de produtos dos naturalistas por remédios para sua Enfermaria. Deepa e Jensen foram para o setor tecnológico e eu fui conversar com os donos das cargas. No setor da Ursa Maior, onde ficava Groombridge, havia uma colônia cerealista, e por isso minhas cargas continham tantos grãos. A maioria era enviada para as fábricas de alimentos de Tau Ceti. Cargas menores iam para outras colônias do mesmo setor, mas estrelas diferentes. Depois de ajudar Cecília com seus produtos, Jim me encontrou para armazenar os manifestos e autorizar a liberação dos contêineres. Metade do pagamento caiu assim que fechamos o negócio, a outra metade seria transferida quando chegássemos a Tau Ceti.

Sanchez me conseguiu tantas cargas naquela tarde que pudemos sair totalmente carregados de Groombridge no dia seguinte. Jensen e Jim carregaram durante a madrugada e mesmo que a inteligência artificial da nave tivesse plena capacidade de carregar, Jensen jamais deixaria uma máquina fazer seu serviço. A desconfiança das inteligências artificiais era muito forte em nosso universo. Certas coisas são difíceis de perder. Não que Jim se importasse, na verdade, mas admito que me sentia um pouco incomodada em andar para cima e para baixo com aquele robô do lado. Um dos negócios que fechei rendeu olhares atordoados para Jim o tempo todo.

Com tanta carga assim, levaríamos vários dias para entregar tudo. Ver os valores da conta da Amaterasu subindo me tranquilizou a ponto de me fazer beber uma boa cerveja artesanal de Irmã Cecília.

\*

—Capitã?

—Sim, Jim?

—Me pediu que a lembrasse de seu encontro às 22hs padrão – sua voz saíra pelos alto

falantes do meu escritório.

—Obrigada, Jim.

Voltei aos meus aposentos, tirei o macacão de serviço e pedi que a luz ambiente fosse baixada para um nível relaxante, o nível de velas. Pedi que tocassem uma música suave e enchi a banheira. Maísa comprou sais de banho especiais para mim em Aspásia e os joguei lá dentro, um aroma maravilhoso de lavanda subindo no ar. Era um luxo ter banheira em um lugar onde a gravidade artificial pode sofrer um problema e despejar água em por todo canto, mas eu merecia. Muitos me conheciam nas rotas comerciais como uma mulher voluntariosa e metida, e eu até podia ser, sim, e daí? Ninguém deve viver no desconforto só por estar no espaço.

A água quente ao meu redor se agitou e senti uma esponja ser esfregada em minhas costas.

—Está tensa.

—Eu sei... – respirei fundo.

—Quer conversar?

—Bem, não tem muito o que dizer, né?

A água se agitou mais, quase extravasando da banheira, a espuma de lavanda subindo pela minha pele. A esponja passava por meus seios, barriga, virilha.... Como desejei um banho desses...

—Maísa ficou brava comigo e eu entendo de verdade, sabe? Acho que sou uma péssima mãe.

—Não fala isso.

—É verdade...

—Não é não. Você deu a ela tudo o que podia, melhor educação, optou por ficar longe dela desde que Maísa tivesse a estabilidade de uma vida em terra.... Acredite, ela entende seus sentimentos.

Desejei essas conversas também, na penumbra de meus aposentos, onde eu simplesmente podia falar sem me preocupar se eram mágoas profundas, ou se eu pareceria ridícula por lamentar a péssima mãe que eu era. Sempre havia essa pessoa a bordo para me ouvir e me entender.

—Acho que devo ser grata por ver Zoe em Terra, por saber que ela vai crescer com estabilidade e não correndo por uma nave de carga.

—Elas estão bem. Maísa sabe se virar sozinha, é inteligente e tem um ótimo emprego – Jensen continuava esfregando minhas costas com um sabonete aromático.

Nunca considerei Jensen um filho. Nem sei bem dizer quando que tudo começou, só sei que mantínhamos em segredo para não abalar a confiança da tripulação. Sei que, mil anos atrás, esse relacionamento seria um escândalo. Naquela época sombria, medieval, praticamente, a raça humana envelhecia e parecia muito antes e uma cultura ridícula de opressão sobre as mulheres

dizia que uma mulher mais velha com um jovem rapaz era errado. Só que ninguém falava nada de homens bem mais velhos com moças bem mais jovens. Vejam a hipocrisia.

Não tínhamos nenhuma exclusividade, Jensen e eu, é claro. Sei que ele saracoteava pelos portos onde chegávamos. Assim não tínhamos complicações também. Era isso o que eu queria, algo descomplicado, sem as longas discussões sobre relacionamentos e de obrigações e de tarefas e de isso ou aquilo. Jensen me dava o que eu queria e eu não tinha obrigação nenhuma além disso. Sua única obrigação era com seu trabalho, o que ele executava muito bem. Minha mãe dizia sempre: deixe as estrelas falarem, afinal, para quem elas vão contar?

—Tem notado algo diferente em Akilah? – Ele me abraçou.

—Não, por quê?

—Tem alguma coisa estranha. Ela é naturalmente reservada e tudo mais, mas, sei lá...

—O que acha que pode ser?

—Deepa disse que ela vem usando o canal privado com muita frequência, e que já comprou créditos subespaciais três vezes. Seja o que for, as conversas são longas.

Até onde eu sabia, Akilah não tinha parentes, então com quem ela tanto falava? Quando um tripulante sai do padrão de comportamento, boa coisa não era. Esperava que Deepa não estivesse espionando a colega também.

—Ahh, deixa eu ir.

—Agitar os contêineres? – fiquei olhando aquele corpo atlético sair molhado da banheira.

—Sempre. Quem fará isso se não eu? – perguntou, irônico.

—Jim? – arrisquei, com sarcasmo.

—Você curte aquele robô pra lá e pra cá pela nave? – ele se enxugava com uma toalha e vestia rapidamente as roupas.

—Bem, demora um pouco pra se acostumar... Você não gosta?

—É idiotice, eu sei, mas quando ele era só uma voz pelos corredores era mais fácil ignorar a presença dele. Agora ele fica parado no meio da ponte como se estivesse perdido, navegando e calculando saltos. Meio bizarro.

Jensen era um entusiasta da tecnologia robótica e prezava muito a nossa pequena frota de 150 drones de reparos e de ajustes de carga, por isso era tão estranho vê-lo reclamar. Aprendemos durante toda uma vida a ter desconfiança de inteligências artificiais que até robôs como Jim causavam estranhamento.

Me dando um beijo rápido e aromático, Jensen saiu ajeitando os cabelos em seu costureiro topete, deixando-me sozinha na banheira quente. Nossa primeira entrega seria de manhã. Faríamos mais um salto na madrugada alta para atracar às dez horas-padrão, se tudo desse certo.



# CAPÍTULO 4

Porto Vishnu era a grande porta de entrada das colônias em Tau Ceti. Três vezes maior que Groombridge, todas as cargas entravam por ali. Qualquer carga descida em outro lugar, por melhores que fossem as intenções, era apreendida como contrabando. Tinha um casco avermelhado cintilante, uma estrutura que lembrava um floco de neve, com centenas de atracadouros para os mais variados tipos de naves de carga. Naves de passageiros podiam seguir direto para as órbitas das colônias, mas era em Vishnu que os negócios eram assinados, cargas entregues, contêineres limpos, pagamentos feitos. Todas as estruturas em Vishnu eram impressionantes devido a seu porte gigantesco e assim que chegamos, um cargueiro militar Hércules estava se afastando da estrutura para realizar o primeiro salto. Uma nave descomunal que não costumávamos ver.

Atracamos a Amaterasu na doca 21 e a descarga começou imediatamente. A taxa de atracação foi descontada da nave logo que acoplamos. Assim que o manifesto deu entrada e os contêineres desceram para as rampas de recebimento, os pagamentos começaram a entrar. Ao menos eles cumpriam com a promessa de pagar na data.

Entrei em contato com a empresa que tinha fechado um carregamento comigo ainda em Groombridge e fiquei esperando a tela abrir e me mostrar algum bem-disposto comerciante, com uma conta polpuda e milhares de contêineres para carregar comigo. Os minutos passaram, comecei a tamborilar os dedos no tampo da mesa, o símbolo da Kuang girando na tela como se zombasse da minha cara. Por vinte minutos esperei e nada. Tentei de novo e deixei recados no sistema deles, pedindo uma resposta sobre a carga. Nada de novo. Na tela ao lado, vi a conta da Amaterasu diminuir consideravelmente com os pagamentos de taxas, limpeza, manutenção e estadia. Só as taxas de reciclagem de esgoto e água levaram um terço do dinheiro.

Sentindo a ansiedade bater como uma marreta no peito, chamei o controle de tráfego e sondei sobre a presença de cargas da empresa. Um gerente pouco educado me disse que a empresa Kuang de Cargas Espaciais estava fechada a semana toda devido à morte do dono. Todas as cargas tinham sido carregadas no dia anterior, quando a família partiu para os

procedimentos de luto e da confecção do cubo de cinzas para o falecido. Mas que merda, pensei, em agonia. Isso era hora de alguém morrer? Olhei mais uma vez para os números da conta da nave. Quase zerados. As estrelas estavam zombando da minha situação, só pude pensar nisso enquanto afundava em minha cadeira, pensando no que fazer. Sanchez tinha garantido o contato, e lembrei da conversa que ela teve, mas nunca vi com quem era. Acho que era uma mulher, talvez a filha? A esposa do falecido? O cubo de cinzas era fácil de confeccionar. Enterros só aconteciam na Terra, em algumas comunidades seculares, porque era uma lei antiga que corpos precisavam ser cremados e selados em cubos de cinzas pelas famílias. Se elas quisessem espalhar as cinzas no espaço, que fizessem, mas era procedimento padrão, um costume tão antigo quanto navegar pelas estrelas.

Aquele seria um dia moroso, já que tínhamos muita coisa para descer do setor de cargas, então fui dar uma volta por Vishnu para tentar apagar minha infelicidade. Fazia tempo que não atracava ali. Quem sabe eu encontrava alguém conhecido e fechava negócio? Tinha que pensar positivo. O lugar estava muito agitado, era tanta gente para entrar na Piazza que levei vinte minutos me acotovelando com centenas de pessoas com os mais diferentes propósitos. Devia ter dezenas de colonos de dezenas de pontos diferentes do espaço do Consórcio Terra reunidos ali, conduzindo negócios, fazendo compras, comendo.

Parei em um bar chique, de escotilhas altas, com o negrume do espaço ao fundo, sentindo a garganta seca e incomodada com a multidão que circulava no porto naquele dia. O bar estava quase cheio, poucas de suas mesas de madeira (de verdade, devo acrescentar) e cadeiras acolchoadas vermelhas estavam livres, e um cheiro almiscarado de bebida fina e comida fresca pairava no ar. Vi o olhar pouco lisonjeiro que recebi por usar um macacão típico das pessoas que trabalham no porto. Por isso mesmo, peguei uma mesa isolada no fundo do bar para observar o vai e vem das naves e a nuvem agitada de drones coordenando a retiradas de milhões de contêineres. Um antigo colega de profissão, que morrera havia pouco tempo, costumava dizer que vemos a saúde de uma sociedade pelo volume de cargas que ela movimenta. Um universo em crise jamais movimentaria os milhões de toneladas todos os dias como nós fazíamos. E eu era uma nave de pequeno porte comparada ao volume todo que descia agora em Porto Vishnu. Dá para imaginar todas as descidas e subidas de milhões de cargas todos os dias-padrão pelo espaço.

Resolvi me dar ao luxo de um prato de queijos e um vinho para me ajudar a pensar objetivamente sobre qual decisão tomar agora, para que porto rumar, quem contatar. Em tempos de grana curta, eu diminuía meu salário para compensar mais a tripulação e pegar as despesas da nave – sempre tem alguma coisa precisando de reparo ou troca – mas sou sincera em admitir que comida e bebida fina eram minhas secretas paixões, e já cheguei a pagar três vezes mais em caixas de chocolate só pelo privilégio de degustá-lo em minha banheira.

Eu tinha disparado mensagens para todo mundo que conhecia e não recebera propostas boas

ou em que pudesse chegar a tempo para carregar. É, acontece. Mesmo com toda a tecnologia, a gente sempre demora um pouco para chegar em algum lugar. Foi na minha terceira taça de vinho que um homem sentou-se à minha frente. Não usava farda e nem precisava, era nítido que era um militar, e bem jovem. Traços bonitos, nariz bem afilado. O corte do cabelo, o porte, os ombros largos, a maneira cautelosa com que observava minhas reações e as pessoas ao redor davam todas as pistas. Pelas feições, diria que era do Consórcio Coreano. Depois de décadas lidando com as pessoas, a gente saca certas coisas no ar.

—Ouvi falar bem da sua nave, capitã Okonedo.

—E quem é você? – Espetei um pedaço de queijo e comi.

—Comandante Joo Se-Hyuk, Consórcio Coreano.

Não falei?

—E o que um militar quer comigo? Minha nave é civil.

—Eu sei – deu um sorriso presunçoso – Acontece que eu tenho uma carga.

—Humm – murmurei, como se não me interessasse, e continuei comendo meu queijo.

—Pago bem.

Parei para olhar bem no fundo dos olhos escuros dele. Joo me observava fria e duramente, sem deixar passar nenhuma emoção que eu pudesse usar para negociar essa carga. Foi bem treinado, hein, garoto?

—Como foi que chegou até mim?

—O capitão Müller não tinha mais espaço para a minha carga e disse que a Amaterasu tinha acabado de atracar.

Müller não gostava muito de mim depois de uma carga que consegui tomar dele em um leilão e que entreguei antes do prazo. Não era agressivo, nem nada, apenas não era muito simpático comigo quando nos cruzávamos pelos portos da vida. Imaginá-lo indicando a Amaterasu para alguém era bem estranho. Tinha cheiro de cilada.

Virei o vinho da minha taça de um gole só e pedi mais um. Joo não quis nada.

—E o quanto você pagaria? – perguntei, assim que o garçom se afastou.

—O dobro do que você pedir.

Fala sério, né? Ri de escárnio, ele devia pensar que eu era trouxa. Ri, sacudi a cabeça e ele nem piscou.

—E quantos contêineres? – perguntei, por mórbida curiosidade.

—Um só.

Müller deve ter mandando aquela mala para encher o meu saco. Ainda era sobre o leilão? Mas tinha acontecido há anos atrás, não era possível. As pessoas não passam por cima desses eventos e depois ficam arrumando picuinha com a gente...

—É uma carga especial e secreta. Digamos que ilegal...

—Fale baixo, pois tem autoridades do comércio aqui – continuei pinçando meus cubinhos de queijo, achando graça da gafe do oficial bem treinado que ele parecia ser – Não quer ser preso caso eu o entregue a eles, não é?

—Duvido que me mantivessem preso por muito tempo – lá estava o sorrisinho presunçoso de novo.

—E para onde é essa preciosa carga de um contêiner só? – reforcei o sarcasmo em ‘preciosa’.

—Só saberá o destino quando realizar os dois primeiros saltos para uma coordenada que eu lhe passar. E, de lá, sua nave será direcionada para o ponto de encontro. É fora das rotas comerciais mais usadas, mas garanto seu retorno em segurança.

Ou esse cara era mesmo um pau mandado de Müller, ou eu estava em alguma pegadinha. Um contêiner só? Carga ilegal? Fora das rotas comerciais conhecidas? Não era muito seguro, mas o dinheiro era bom.

Meu chip subcutâneo apitou em meu ouvido; era Jim, me avisando que metade da carga já estava entregue. Estavam já na segunda metade dela. Logo a nave estaria vazia, e nós estaríamos sem trabalho. A visão dos meus tripulantes sem dinheiro apertou meu coração.

—Preciso de uma nave civil para o transporte. Posso contratar qualquer outra, mas conheço sua fama de boa capitã e sua nave é a mais antiga em serviço. Não quero qualquer um levando meu pacote.

—Só levo se você pagar à vista. Não aceito pagamento posterior – resolvi dificultar – E não transporto passageiros, só carga.

—Feito.

Mas olha só, o comandante nem pestanejou. O que um militar poderia querer carregar que era tão secreto assim? E sob ordens de quem ele poderia estar? Pincei os últimos pedaços de queijo da travessa, bebi meu vinho calmamente, considerando o que ele estava pedindo. Não é que eu não transportasse coisas ilegais, é que essas negociações levam muito mais tempo, justamente para evitar a autoridade de comércio. Neste caso, fosse o que fosse, ele parecia ter pressa em transportar logo. Algo perecível? Bombas?

—Está aqui? – perguntei curiosa.

—Não. Seria perigoso. Você vai recebê-la no ponto de encontro.

—E o que é?

—Confidencial.

Suspirei com impaciência, imaginando que ainda poderia ser uma brincadeira.

—Posso fazer a transferência para sua nave agora mesmo. Mas você só pode carregar o meu contêiner e mais nada até a entrega.

—Se quer exclusividade, vai sair bem mais caro.



—Já disse que pago. — o comandante foi rude.

Pedi uma exorbitância pela exclusividade da Amaterasu e ele nem piscou. Assim que o dinheiro caiu, meu chip apitou novamente. Jim estava questionando a entrada de um valor tão alto, mas achei melhor explicar depois e com calma, para toda a tripulação. Eles não chiariam por ser algo ilegal. Acho.

Olhei, discretamente, para as quatro pessoas que usam o distintivo da autoridade comercial de Vishnu, que conversavam animadamente com a mesa lotada de boa comida e bebida, pensando se deveria dizer que alguém estava tentando me contratar para transportar um contêiner ilegal. O comandante seria preso, claro, eu também, e nós dois seríamos interrogados sobre a negociação. Sem contar a inspeção de três meses pela qual a Amaterasu passaria. O problema é que quem ficaria presa por um longo tempo seria eu, e não um militar de carreira que me garantiu ter meios de se livrar de uma acusação. E eu não queria mais ter problemas com a justiça por causa de contrabando, dois anos presa na detenção de Mafeteng foram o suficiente.

A grana que entrou naquele dia com a primeira carga pagava as contas da nave e da tripulação, mas por pouco tempo. Se eu conseguisse um bom fundo de reserva, podia dar um bônus a todos eles pela dedicação e deixar vários meses de manutenção pagos. Sanchez me garantiu que conseguiria mais cargas, só que não tão breve. E eu contei demais com a carga em Vishnu que não aconteceu. Hesitei uns instantes, enquanto fingia olhar para as naves lá fora, pensando no que fazer.

Apertei a mão do capitão e pedi que enviasse as coordenadas e instruções para Jim. Ele me acompanhou para fora do bar e se despediu com poucas palavras, seguindo para o setor de hospedagem da estação sem olhar para trás. Algo ainda me incomodava a respeito da coisa toda. O que ele queria que eu levasse?



# CAPÍTULO 5

Jensen estava sentado no sofá do meu gabinete e me olhava torto. Seus belos olhos verdes e brilhantes estavam curiosos, mas sentia uma certa decepção vinda dele. Aposto que pensava como que uma capitã de longa data como eu, tão atenta a qualquer problema e cilada, estava fazendo negócios escusos com militares desconhecidos, o que nem sempre acabava bem. Mesmo depois de falar sobre o carregamento esperado que furou, não parecia convencido. Quando ele levantava as sobrancelhas daquele jeito e ficava quieto era porque procurava uma maneira educada de me dizer que eu estava errada. Sei que era errado. Mas era a única coisa a se fazer naquele momento.

—Veja pelo lado bom, você não precisará acordar de madrugada pra agitar milhares de contêineres – tentei animá-lo.

—Esse cara pagou um valor bem alto pra um contêiner só.

—Eu sei.

—Deve ser perigoso – ele tentou me alertar.

—Eu sei disso também.

Ele se calou e afundou no sofá, esticando os braços pelas almofadas, como se tivesse sido vencido pelo cansaço, tamborilando os dedos no encosto como se a ansiedade pudesse ser descarregada por ali. Normalmente, ele não se importava com um contrabando ou outro. Acontece que, no geral, esses contrabandos eram comida e remédios para colônias pobres.

—Devo imaginar que só eu sei dessa transação, certo?

—Por enquanto. Eu não quero alarmar ninguém. Vou esperar todo mundo vir a bordo, saímos de Vishnu e aí eu falo qual é o plano.

Ele alisou a barba por fazer e suspirou, sabendo que não havia maneira de me dissuadir. Jensen jamais deixou de apoiar minhas decisões, por mais polêmicas que elas fossem, mesmo que não concordasse com elas. Isso às vezes me fazia sentir culpada, pois eu poderia acabar com a vida de um rapaz inteligente por causa da minha imprudência. Sem falar mais nada, ele levantou do sofá, me deu um beijo rápido e saiu. Parecia desapontado por voltarmos ao trabalho

dessa maneira.

Mais tarde, reuni a tripulação na ponte, enquanto nos afastávamos do porto para realizar o primeiro salto. Jim recebera as instruções pelo canal pessoal do comandante Joo, me confirmou que o dinheiro estava em conta e que estávamos livres para partir. Expliquei o que houve com a carga da Kuang e que, por causa disso, acabei pegando um negócio que não era usual. Isso por si só já explicava a situação.

—Contrabando de novo? – Akilah perguntou de sua estação, braços cruzados, dura como um rochedo.

—Podemos dizer que sim – fui cautelosa.

—O dinheiro vale a pena? – ela perguntou de novo.

—Bastante.

Deepa e Jensen estavam quietos em um canto, e era deles de quem eu esperava mais apoio. Irmã Cecília nunca se importou com o que carregávamos, desde que não machucasse ninguém. Porém, admito que não esperava a resposta de Akilah:

—Por mim, tudo bem.

Olhei discretamente para Jensen e Deepa à minha esquerda e Cecília sentada à direita, visivelmente surpresa com a concordância sem nenhuma afronta de Akilah. Notando o silêncio a seu redor, Akilah deu de ombros.

—Vocês não querem o dinheiro?

—Eu quero – Deepa falou, sem cerimônia – Mas não quero ser presa.

—Não vamos ser presos – Jensen reforçou.

—Mas navegar fora das rotas comerciais é perigoso – Deepa disse.

—Não se soubermos para onde vamos e como ocultar a nave. É uma carga só, será rápido. Logo voltamos a Groombridge, falamos com Sanchez e conseguimos uma nova carga. Legal, dessa vez. Mas não vou mentir pra vocês: estamos sem dinheiro, e essa é uma boa oportunidade de levantar verba rápido. Quem quiser ficar em Vishnu ainda tem tempo.

Ninguém se moveu, mas todos olharam uns para os outros, como se esperassem que alguém se mexesse. Jim observava as reações na sua plácida frieza de inteligência artificial, coletando nossos dados biométricos para seu software psicológico. Meus dedos doíam novamente, como se o medo da ilegalidade fosse um aperto de mãos bem forte.

—Nave pronta para o salto, capitã.

—Vai em frente, Jim.

—Salto em 5, 4, 3, 2, 1...

Flash. Retorno à realidade e estou novamente vendo todo mundo na ponte, como se tivesse apenas piscado os olhos. Akilah permanecia em sua rígida observação, de braços cruzados, Jensen fingindo que não estava incomodado, Deepa olhando preocupada para mim e Irmã Cecília

ajeitando seu lenço na cabeça.

—Temos três horas de recarga dos drives de salto – Jim avisou, quebrando o gelo.

—Sugiro que descansem ou usem a sala de ginástica até chegarmos ao ponto de encontro. Deepa, mantenha os canais oficiais off-line. Se alguém nos chamar, ponha uma resposta automática de mau funcionamento ou problema nas antenas.

—Pode deixar.

—Dispensados.

Jensen estava ao meu lado na ponte, falando da manutenção dos elevadores de carga, quando Jim avisou que um transponder com os códigos emitidos pelo comandante Joo estava à frente. Deepa olhava as cartas de navegação para triangular nossa posição, mesmo sabendo que Jim fazia os cálculos milhões de vezes mais rápido que ela. Prefiro o toque humano ao frio pensamento da máquina, apesar de Jim ser um excelente navegador.

Estávamos há quase 25 anos-luz de distância de Tau Ceti, onde ficava Porto Vishnu. O segundo salto foi o mais distante que tínhamos feito desde que retornamos e sempre fico receosa quanto a saltos tão longos, pois nem todos os drives estavam bons para saltar tudo isso.

—Alguma nave, estação espacial ou sinal de colônia por perto?

—Nada – Deepa sacudia a cabeça, como se não aceitasse o silêncio lá fora – Parece que somos o arroz de festa da região.

Normalmente, teríamos o eco de transmissões das estações retransmissoras, mas um ponto completamente vazio costumava me deixar nervosa. Era como ser a última nave do universo.

—Que estrela é aquela? – Jensen apontou para o ponto distante na escotilha dianteira.

—3Gliese. Setor de Peixes, anã branca. Alguns planetas e asteroides, mas nenhuma ocupação.

Jim jogou na tela principal a imagem do provedor do sinal do transponder. Mal dava para ver qualquer coisa. Uma sombra, alguns ângulos retos... Que coisa era aquela?

—Tem alguma coisa piscando ali – Jensen apontou.

Muito de leve, mas tinha. Luzes de navegação. Deepa acendeu as luzes de proa da nave enquanto nos aproximávamos e mandou Jim diminuir o ritmo, não queria alarmar qualquer sinal automático que estivesse à frente. Quando a resolução da tela aumentou e finalmente a imagem se tornou compreensível, a ponte ficou em silêncio. Um drone piscava com as luzes de navegação já conhecidas de um ponto fixo no espaço. Sua parte lógica era mais bojuda e ele se alongava, como um grande L, preso a um contêiner escuro, opaco, sem nenhuma identificação. Ele tinha o tamanho padrão de qualquer outro que já carreguei, mas era liso, com argolas de segurança nos cantos para atracação e só. Era tão escuro que não refletia nem as luzes de proa. Era como se absorvesse toda e qualquer luz sobre ele. Bizarro.

Uma tela se abriu. Pedia autorização de aproximação. Jim inseriu o código e o drone se soltou do contêiner imediatamente após o fechamento da tela, afastando-se da Amaterasu e do contêiner. Pouco depois uma luz chamou nossa atenção, e as câmeras mostraram que o solitário drone se autodestruíu.

—Devo atracar o contêiner? – Jim perguntou, olhando para Jensen, que olhou para mim.

Contêineres costumam vir nas mais variadas cores devido ao conteúdo do interior. Eles possuem uma nanotinta especial que é programada para identificar o conteúdo e mostrar do lado de fora o que era. Então verde era para vegetais, vermelho para frutas, azul para frutos do mar e pescado, amarelo para farináceos, castanhas e cereais, laranja para carnes (tanto in natura quanto processadas), ciano para tecnologias diversas, marrom para lixo e dejetos, animais mortos e rejeitos orgânicos, lilás para tecnologias orgânicas, e por aí vai. Não se usava preto, por ser indistinguível do fundo escuro do espaço e assim era muito fácil perder cargas num caso de extravio de contêiner, explosão ou descompressão explosiva. Além disso, as nanotintas também eram programadas com o código de navegação da nave onde ela estava ancorada, ou seja, um contêiner perdido sempre estava atrelado a uma nave ou a um porto de onde partia ou para onde chegava. E normalmente essas nanotintas exibiam a empresa que o emitia.

Já o que estava à minha frente era completamente preto, fosco, sem nenhuma identificação, nada que pudesse esclarecer sua procedência. Só podíamos localizá-lo devido ao sinal do transponder e porque a nanotinta do casco dele emitia um sinal que reconhecia minha nave como sua carona.

—Sonda espectral – pedi.

Jim realizou o exame e a tela holográfica se abriu com **NENHUM RESULTADO**. É, o comandante não estava brincando quando dizia que o negócio era secreto mesmo.

—Jensen, vamos colocar o contêiner pra dentro com bastante cuidado. Jim, vem com a gente.

Descemos até o nível do atracadouro, comumente chamado de setor de carga, que acendeu as luzes quando chegamos. Uma grande escotilha nos dava a visão sombria do setor de carga completamente vazio. Estruturas de acoplagem estavam recolhidas ao teto, para não juntar gelo ou detritos. Jensen tocou rapidamente em algumas telas, liberando seus drones que, equipados com câmeras, nos mostravam a aproximação. Na forma de grandes Ls – uma forma padrão para este tipo de carregamento – eles se prenderam ao contêiner e o trouxeram para dentro em silêncio. Passaram bem na nossa frente, como um cortejo fúnebre, apenas suas luzes de navegação indicando que carregavam algo às costas. Estruturas de acoplagem desceram e o balé tecnológico aconteceu, quando os drones prenderam a argolas magnéticas nos lugares certos. Normalmente eu acharia divertido ver o balé deles em seu trabalho diário e no vai e vem automático, mas não daquela vez. Não havia alegria nenhuma no que estávamos vendo. Aquela

coisa estava lá, com sua carga misteriosa, tão escura e opaca que mal víamos sua forma ocultando o fundo da área de carga.

—Em segurança – Jensen falou, baixo, como se sentisse o ar pesado.

—Qual o próximo destino, Jim?

—O drone nos mandou a próxima coordenada. Outro salto grande, capitã. Vinte anos luz.

—Esse cara vai queimar os drivers de salto antes que a gente chegue lá – Jensen reclamou, ainda de olho no contêiner.

—Ele nos pagou o suficiente pra trocar todos eles. Me avise quando for saltar, Jim.

Perambulei sem rumo pela nave quando a noite-padrão baixou na Amaterasu. As luzes diminuíram naturalmente às 21hs, apagando-se completamente em setores de pouco uso. Jim permanecia na ponte, administrando a navegação, diligentemente me seguindo com seus milhares de olhos pelos corredores. Meus passos me levaram de volta ao setor de carga. Quando dei por mim, estava com as mãos espalmadas na escotilha, olhando aquela monstruosidade. O que poderia conter? Sei que me pagavam para não perguntar, mas não era isso o que eu esperava. Aliás, não sei bem o que esperava. O comandante disse que era um contêiner apenas, e nisso ele não mentiu. Não me disse qual era a carga e nada no casco dele dava alguma dica. Se tudo estava em ordem, então o que me impedia de dormir? Poderia ser a última mensagem de Maísa, me cobrando pelo silêncio? Os problemas financeiros?

Jensen costumava dizer que, quanto menos perguntarmos sobre o que carregamos, menos tempo passamos na prisão. Ele conhecia bem o interior de prisões e reformatórios, assim como eu, pelas vezes em que fui tirá-lo de lá. Para um rapaz tão inteligente, ele podia ser bem burro, às vezes. Sua perspicácia, porém, não passava despercebida, nem mesmo da vara da infância e da juventude que lhe deu outra chance de se acertar na vida. Eu era grata por tê-lo comigo, mas admitia que seu olhar assustado estava me assombrando também.

No meu caminho de volta para meu alojamento, comecei a ouvir uma discussão que foi crescendo conforme me aproximava da enfermaria.

—Você não fez um juramento de manter em segredo o que discute com pacientes?

Era a voz de Akilah, e parecia bem irritada.

—Estamos bem longe de qualquer centro médico moderno e navegando por rotas não convencionais, não quero que nada aconteça com você – disse Irmã Cecília – Temos que conversar com a capitã.

Foi quando entrei na Enfermaria. As duas ficaram mudas. Mas logo a expressão de Cecília era de alívio, e a de Akilah era homicida. Eu tinha a impressão que Akilah era como os guepardos extintos da Terra, esguios, musculosos, astutos, que não podiam viver presos. Quase podia ouvi-la rugir agora com minha chegada.

—Conversar sobre o quê?

Com seu olhar limpo, direto e insistente, Irmã Cecília se virou para Akilah, que parecia patear o chão para sair de uma situação de perigo. Ela relutava em me contar. Aliás, ela relutava em contar qualquer coisa de sua vida para quem quer que fosse. Acho que, então, ela percebeu que teria que contar de qualquer jeito, pois me olhou de esguelha e disse:

—Estou grávida.

Minha posição de líder e capitã – braços cruzados no peito, a expressão séria – derreteu num piscar de olhos com a informação. Meu queixo caiu e meus braços também. Eu ouvi direito?

—De gêmeos – Cecília completou, para o horror de Akilah.

—... mas... de quantos meses? – foi só o que consegui perguntar.

—Dois meses – Cecília respondeu de novo.

Olhei com cuidado para Akilah. Nenhum sinal visível de gravidez, obviamente. Só então entendi porque ela comprou tanta comida natural em Groombridge. E agora? Eu deveria dar os parabéns? Ela não parecia muito feliz.

—Você sabe que tem opções, não sabe? – perguntei, com suavidade.

Irmã Cecília podia fazer abortos com segurança na nave e ela voltaria a trabalhar no mesmo instante. Era um procedimento rápido, indolor, que nem requeria cortes.

—Estupraram você? – fiquei preocupada com o silêncio.

Apesar de todos os avanços no que diz respeito às leis, punições para estupradores e a profunda mudança moral da sociedade do Consórcio Terra, crimes sexuais ainda aconteciam. Aconteciam em colônias afastadas, mas felizmente a palavra da vítima nunca mais era considerada duvidosa, e ela tinha total amparo do governo nas decisões que cabiam à autonomia sobre seu corpo. Nem consigo imaginar como era a vida naqueles séculos de trevas, quando uma mulher era considerada culpada pela violência que sofria.

—Não – a voz de Akilah estava controlada, firme, mas era possível sentir a angústia no fundo – Ele apenas não sabe.

Carga misteriosa a bordo, problemas com as autoridades de comércio se descobrissem e agora uma grávida. O que mais poderia acontecer?

Parei ao lado de minha tripulante, uma irritação subindo pelo meu peito por não ter sido informada por Akilah logo que embarquei, ainda no Estaleiro de Escorpião. Ela não olhava para mim, permanecia de lado, encarando qualquer coisa, menos meu rosto.

—Você sabe qual é o regulamento da nave. Por que não me informou?

—Minha condição não é um risco para o meu trabalho nem para a nave – sua voz saiu cortante como uma lâmina – Nem da conta de ninguém.

—Ah, é sim da minha conta, que comanda essa caçamba onde você está!

Não havia muito consenso entre médicos sobre gestações no espaço. Alguns diziam que a grávida podia trabalhar até determinado mês e parar para o parto um mês antes. Outros diziam

que não tinha problema algum parir no espaço. Mas todos concordavam que ambientes de baixa gravidade eram um problema para o desenvolvimento do feto. Não tínhamos esse problema na Amaterasu, nossos geradores de gravidade eram muito bons e seguros. Era um sistema tão redundante que o reator da nave teria que ser destruído para ele cair.

Tentei me acalmar. Eu mesma fui uma grávida embarcada, com Maísa me chutando enquanto eu contava contêineres. Foi Cecília quem fez o parto, inclusive, e ela me olhava com reprovação, como se pensasse o mesmo que eu. Dei aquele meu olhar de ‘não começa’ e ela riu de lado.

—Você está bem? – perguntei para Akilah, com a voz mais suave que encontrei, tanto que pareceu artificial.

—Sim.

—O desenvolvimento está ótimo, sem deformações. Receitei umas vitaminas e uma comida mais saudável que a processada.

Cecília odiava as carnes processadas e as pastas de cereais que muitas vezes salvavam nossos estômagos em tempos de penúria. Agora Akilah tinha alguns meses pela frente para pensar no que fazer. Gravidez de gêmeos a deixaria enorme, com pés inchados, dores nas costas, e eu faria de tudo para essa gestação fosse melhor que a minha. Era meu dever de capitã, mas também meu dever de ser humano não abandonar uma pessoa nessa situação.

Pedindo para voltar ao seu alojamento, Akilah saiu de cabeça baixa, como se falar de sua vida pessoal a tivesse consumido mais do que deveria. Sempre me sentia tensa na presença dela.

—Desde quando você sabia? – olhei para Cecília.

—No momento em que apliquei as vacinas. Ela me contou.

—Tem certeza de que não foi violência?

—Os exames espectrais não denotaram nenhum tipo de trauma. Agressões assim deixariam marcas no corpo, por menores que fossem, por pelo menos seis meses. E ela não tem.

Ao menos ela não fora forçada a nada.

—Você está preocupada com essa missão – era um fato, não uma pergunta.

—A tripulação inteira, Rosa. Se continuarmos saltando pra cada vez mais longe, quanto tempo demoraremos pra voltar?

—É, eu sei... – suspirei profundamente, pensando em nossa situação – Fique de olho em Akilah. Ela se faz de forte, mas deve estar se sentindo sozinha com tudo isso.

—Pode deixar.

A voz rouca de Jim nos interrompeu:

—Capitã, dirija-se à ponte.

Dei meia volta, reforçando o pedido para Irmã Cecília, e subi os deques até a ponte, onde Jim estava, parado ao lado de minha cadeira.



—O que foi?

—Chegamos ao ponto de encontro, capitã. Não há nada aqui.

Estávamos em espaço interestelar, ou seja, entre dois ou mais sistemas estelares, onde tudo o que tínhamos era um pouco de vento estelar, poeira e só. As telas estavam todas negativas. Não podíamos ver nenhuma estrela ao fundo. O temor de todo marinheiro... o mar calmo, sem brisa.

—Estamos perto da fronteira do espaço cartografado do Consórcio – ele continuou.

—É – lamentei – E longe do espaço regulamentado também. Isso não é bom.

—Deveria haver, segundo as probabilidades, ao menos um drone como o que encontramos no ponto de encontro, mas não capto nada. Talvez a nave que venha buscar o contêiner esteja atrasada, capitã.

Esse era meu supercomputador tentando me animar?

—Estamos próximos de alguma estação de retransmissão do espaço profundo?

—Não, capitã. Mas antes de nos distanciarmos da última estação, tentei contato com o canal privado do comandante.

—E? – virei para ele com ansiedade.

—Inexistente.

Sentindo o ânimo ser drenado de meu corpo, me sentei em minha cadeira e fiquei olhando para as telas negativas que ladeavam a ponte. O pesadelo de qualquer marinheiro parecia se consolidar no espaço, com nenhum ponto de referência para nos ancorar. Felizmente, Jim podia navegar com tranquilidade e fazer os cálculos necessários para sairmos dali, mas mesmo esse pensamento não me acalmava.

Resolvi manter a posição e seguir com o acordo, ainda que não tendo condições de contatar ninguém. E se eu encontrasse o comandante de novo, daria tanto soco naquela cara que ele teria que reconstruir a face.



# CAPÍTULO 6

Depois de três horas de espera, Jim sacudiu meu ombro levemente. Dormi na cadeira. Preocupado com minha saúde, ele pediu que eu voltasse para meu alojamento e dormisse exatas 8,4 horas para recuperar plenamente as forças. Máquinas... Em breve o dia-padrão começaria, mas eu precisava mesmo de umas horas para dormir. Deixei a ponte com suas telas lúgubres, que mostravam apenas o nada do espaço interestelar, e fui para a cama.

Estava com cartas na mão. Meu oponente me olhava fixamente, quase sem piscar. Devia pensar que eu estava blefando, desesperada pelo dinheiro. Jovem e inconsequente, eu tinha mesmo apostado tudo naquela barganha. Só um idiota apostaria a própria nave na tentativa de sair por cima de um jogo de pôquer contra uma estivadora desesperada.

Era uma situação desesperadora, claro. Ou eu dava um jeito de ganhar a vida o mais honestamente possível, ou continuaria na precária condição em que eu estava agora, com um casamento disfuncional, um trabalho que odiava, uma vida que eu evitava. Eu precisava de ajuda, urgente. Era um jogo de tudo ou nada. Meu oponente não era um bom profissional do ramo de cargas, mas tinha uma invejável nave em operação, apesar de não cuidar bem dela.

As fichas estavam à nossa frente. A chave do ativador da engenharia de sua nave, a Babe Lucy, na mesa. Uma pequena aglomeração em volta. Dois jogadores que haviam saído daquela rodada agora nos encaravam. Meu coração martelava no peito, sabendo o que aquilo significava. Meu oponente engoliu em seco, o primeiro sinal de fraqueza que dera no jogo todo, e baixou suas cartas no veludo verde. Um Full House. Sorrindo de triunfo, ele se recostou na cadeira e cruzou os braços, me encarando, me desafiando a fazer melhor. Seus colegas pareciam satisfeitos com o jogo.

Suspirei, cansada, passei a mão no rosto em agonia, enquanto algumas risadas subiam na mesa. Meu oponente já erguia a mão para recolher todas as fichas e a chave. E baixei minhas cartas. O olhar de meu oponente congelou. Eu tinha um Straight Flush, o melhor da minha vida inteira. Só naquele momento me permiti sorrir com maldade, a arrogância jovem saltitando em meus olhos. Meu blefe funcionou tão bem que nem acreditava em mim mesma. Ele ainda

berrava impropérios enquanto eu corria para pegar um transporte para a órbita.

—Boa nave, hein? – me disse a autoridade do porto, enquanto olhávamos para a Babe Lucy pela escotilha.

—É, sim – disse, com um indisfarçado orgulho.

—Agora que ela mudou de dono, você tem que dar um nome para ela. Já sabe qual?

—Sei. Amaterasu.

—Vou fazer o registro. E parabéns de novo – ela tocou meu ombro e saiu.

Amaterasu, a deusa do sol e do universo. Diziam que os imperadores do antigo estado do Japão foram descendentes diretos dela. Algo em sua plácida observação nas diversas ilustrações que vi nas aulas de mitologia me encantava, e queria que minha nave tivesse seu nome.

A nave era boa, sim. Só precisava de uma reforma e estaria nova em folha. Mandeí que a pintassem de branco e que, no casco, gravassem seu nome, junto de uma ilustração da deusa do sol pintando uma estrela. As antigas religiões não existiam mais, eram apenas mitos humanos que enriqueciam nossa história, mas minha avó costumava me contar sobre as antigas lendas japonesas, já que meu pai era do Consórcio Japonês e minha mãe era do Consórcio Nigeriano.

Acordei subitamente, com o alarme me dizendo que eram sete horas-padrão. Enxuguei a testa molhada, olhei ao redor e vi que meu quarto continuava vazio. Quase podia sentir o cheiro do porto, o veludo verde sob os braços, o orgulho de ver minha própria nave atracada, a escolha da nanotinta, inserir a chave da engenharia pela primeira vez.

Virei um pouco de água em um copo e bebi como se estivesse vindo de um planeta desértico. Nem minhas lembranças foram tão vívidas quanto este sonho. Olhei para o relógio no espelho e ele indicava que eu dormira apenas cinco horas.

—Bom dia, capitã – uma voz saiu pelos comunicadores do alojamento.

Era Deepa. Só queria me informar que a nave permanecia na mesma posição e que nenhum contato tinha sido feito ainda.

—Sabe onde estamos? – perguntei, com voz trêmula.

—Em algum lugar entre o Braço Local e o Braço de Carina.

O copo quase caiu da minha mão. Sabia que estávamos longe, mas porra! O Braço de Carina era um braço menor da galáxia, desmembrado do Braço de Sagitário, de onde fez parte por um breve período, e que se dividia nas proximidades do Braço Local, onde ficava o Sistema Solar. Da bifurcação saíam Carina e o Braço do Cruzeiro. Era o limite da cartografia do Consórcio, mas não era ocupado. Por isso, não tínhamos retransmissores do espaço profundo por aqui. Qualquer coisa que acontecesse nem seria de conhecimento das autoridades.

Lavei o rosto ruidosamente, enquanto ela continuava falando de sua preocupação com nossa precária posição, e que deveríamos tentar falar com o tal comandante o quanto antes. Doze horas de atraso para quem tinha tanta pressa era de fato bem estranho.

Convidei a tripulação para o café da manhã, coisa que não era comum, admito. Acho que o sonho me deixou saudosista e com medo de ficar sozinha, queria o contato humano que poderia conseguir com a tripulação. Jensen pôs a mesa, de olho em minhas reações, sabendo que tinha algo errado. Apenas dei um sorriso fraco, para não deixá-lo preocupado. Jim permanecia na ponte enquanto nossa pequena família espacial se sentava para comer. Tínhamos frutas frescas trazidas por Cecília de sua colônia e um maravilhoso cheiro do café marroquino que Deepa sabia fazer. Aquilo me deu algum conforto.

Mas realmente me liguei na conversa deles quando Deepa disse:

—Tive um sonho muito estranho essa noite.

—E como foi? Sexo e bebidas?

—Não, Jensen, esse seria o seu sonho – ela retrucou, para o prazer de Cecília, que riu longamente.

—E sobre o que foi? – Akilah perguntou.

—Na nossa colônia natal, tinha um lago no fundo da casa. Jabalpur é um planeta com mais de 80% da superfície coberta por água, então praticamente cada casa tinha um. E meu irmão uma vez quase se afogou lá quando tinha 3 anos. Eu pulei da varanda, que ficava sobre o lago e o resgatei. Um drone de resgate captou meus gritos e voou pra lá e trouxe meu irmão de volta à vida.

—Então você teve uma lembrança vívida, não um sonho – Akilah resmungou.

—Eu sabia que estava dormindo... – os grandes olhos de Deepa estavam brilhantes, como se estivesse revivendo o momento – mas também sabia que meu irmão tinha mesmo quase morrido. Eu sentia o cheiro da água, da vegetação.

—Odeio sonhos assim – Irmã Cecília botou mais café na caneca – A gente fica com uma impressão estranha durante o dia, como se tivesse alguém olhando sobre nossos ombros.

—Viu? – Deepa apontou para ela – Ceci me entende. É essa a sensação.

—Só quero que o sonho seja vívido se eu estiver na banheira de uma mulher – Jensen disse, para me provocar e ver se eu saía do meu torpor.

—Já teve sonhos assim, capitã?

A pergunta de Deepa era inocente, claro. Ela queria que eu participasse da conversa. Mas tinha medo de responder, medo de compartilhar essa sensação. Não sei por que teria, eu confiava nessas pessoas, por isso preferi responder.

—Claro, tive sim. Foi o que Cecília falou, a impressão de ter alguém atrás de nós o tempo todo.

—Está preocupada com a nossa situação, não está?

Deepa nem precisava de uma resposta, minha cara denunciava a consternação. O silêncio caiu sobre nós como um cobertor, sem afastar aquela sensação fria de estarmos com um sério

problema.

—Não gosto de ficar à deriva.

—Vai ver o contato tá atrasado – Jensen tentou amenizar a situação.

—Doze horas de atraso pra quem teve tanta urgência não me parece lógico – Akilah, cortante como sempre.

Todos na mesa acabaram com a mesma expressão preocupada, esperando que eu falasse algo para amenizar a espera.

—Vamos esperar um dia – resolvi – Se nosso contato não aparecer, damos meia volta e aguardamos perto de uma estação retransmissora por uma chamada do nosso estimado comandante. Se ele não der sinal de vida, largamos a carga e damos o fora.

—E ficamos com o dinheiro do safado mesmo assim – Jensen falou, irritado, mesmo que com um sorriso no rosto.

Essa era uma vantagem, não é mesmo?

Terminamos nosso café com as amenidades de sempre, como Irmã Cecília tentando convencer Jensen a se alimentar melhor e ele mostrando os bíceps, exibindo o vigor físico e depois erguendo a camiseta para mostrar o abdômen. Até Akilah soltava um sorrisinho com as tentativas frustradas dele de demonstrar saúde.

Cada um lavou sua caneca, seu prato, guardou-os e seguiu para as atividades diárias. Fiquei na ponte, andando de um lado para o outro, esperando um contato, um drone, um pombo correio, qualquer coisa, algo que nos botasse em movimento de novo, mas nada se movia, havia apenas o espaço escuro e desolado do lado de fora e a Amaterasu, branca como um farol, parada na mesma posição há mais de 16 horas.

Depois, 20 horas. Jim continuava sua plácida observação, sem nenhuma boa notícia para me dar. E minha impaciência foi crescendo até me deixar inquieta demais. Resolvi andar.

Desci até o setor de cargas e encontrei Jensen sentado no corredor, bebendo rum, a bebida preferida dos piratas. Apesar do cheiro invadir o corredor todo, ele não estava bêbado. Era preciso mais que uma garrafa para derrubar aquele sujeito. Peguei a garrafa de sua mão e dei um longo gole, olhando para o contêiner firmemente amarrado em sua posição.

—Sabia que nenhum tipo de sonda consegue penetrar essa merda? – ele apontou para o contêiner.

—Não me diga que você tentou espionar a carga de um cliente, Jensen – disse, em tom de brincadeira.

—Assim você me ofende, capitã. É claro que eu tentei – deu um sorriso maroto – Mas nada passa. É como o mar batendo contra um rochedo.

—Alguma coisa deve ter acontecido com a nave que viria buscar esse negócio. Eles não se atrasariam dessa maneira.

—E o comandante? Será que aconteceu algo com ele?

—Ah, ele deve ter excluído o canal de comunicação assim que passou as coordenadas pra gente. Assim ele não tem traço digital da mensagem, nem poderia ser rastreado. Militares são paranoicos, ainda mais aqueles que estão na ilegalidade.

—Akilah e Deepa estão bem preocupadas com a carga. Deepa abriria o contêiner se pudesse.

Deepa rasgaria a nave inteira, tamanha sua curiosidade, mas jamais admitiria.

—Em menos de quatro horas, o prazo que você deu acaba. Vamos mesmo embora?

Não sabia dizer. O silêncio do comandante, a falta de naves para vir buscar aquela bosta de contêiner... tinha algo errado, e eu não sabia o que fazer. E odiava essa sensação de ser incapaz de tomar uma decisão.

—Vamos dormir essa noite e esperar. De manhã, se nada mudar, vamos embora.

Jensen concordou e tomou mais um gole.

\*

### **Akilah**

Os dois se conheceram em um bar. A colônia de Khombole era um agitado centro de mineração. Akilah vinha trabalhando parte do tempo para a 4Diamonds, megaconglomerado de mineração que operava em dezenas de sistemas estelares. Desde que a Amaterasu cessara suas operações que ela vinha buscando trabalho, e não vinha sendo fácil. Achou que tinha esquecido Khombole, deixado para trás uma família fria e distante, esquecido do clima das ruas e do cheiro do camarão frito. Entretanto, tudo voltou como uma onda.

Ela precisava de ajuda. Buscou alguns conhecidos na primeira colônia, depois na segunda e, na terceira, encontrou uma antiga colega de sua mãe, que trabalhava em uma agência de empregos. Foi quem lhe arrumou o posto de comunicações para a 4Diamonds, coordenando os sinais de um poço de mineração perto dali.

Para aumentar o salário, Akilah dobrou turnos, trocou turnos com os colegas, até aplicou estimulantes para trabalhar mais horas seguidas. No entanto, quando seu corpo finalmente se entregou, ela entrou no primeiro bar que achou e pediu a vermelha cerveja de Khombole. Tinha outro turno em seis horas, talvez devesse dormir...

Percebeu que uma briga começou do outro lado do salão, dois caras tentando bater em um homem que repetia várias vezes que não derrubara sua bebida de propósito. O dono do estabelecimento parou a confusão e o levou para o balcão, expulsando os dois brigões. Um dos dois puxou papo primeiro e, quando Akilah se deu por si, já estavam do lado de fora, na escuridão do beco dos fundos, ela com as costas apoiadas na parede, ele firmemente enterrado

entre suas coxas, segurando sua bunda, uma chuva leve e quente caía na madrugada. Da conversa que tinham, ela apenas lembrava que ele também era um solitário precisando de dinheiro, e que conseguira ajuda no centro de apoio ao desempregado na primeira colônia.

Akilah nunca mais o viu depois daquele encontro improvisado e bem-sucedido. Quando foi trabalhar no próximo turno, de ressaca, pensava no que a levava a agir daquela forma. Solidão? Necessidade de atenção? Diversão? Não sabia o que responder. Enterrou a lembrança o mais fundo que pode na mente, até descobrir que estava grávida do desconhecido.

### **Deepa**

—Deepa! Me ajuda!

—Sudakhar! Cadê você?!

Quarto dos pais, seu quarto, quarto do Sudakhar, banheiro: nada.

—Cadê você?

Um gorgolejar, um borbulho, água batendo. O lago!

Deepa correu para a varanda e observou o lago escuro que margeava sua casa. Pelo agitar da água, Sudakhar estava afundando. Apressada, ela descalçou os pés e se jogou na água, sem se preocupar com onde estava caindo. A água escura e turva não a deixava ver muito, mas felizmente seu irmão usava uma túnica colorida bem chamativa, que se destacava na turbidez. Tentou agarrá-lo várias vezes, mas sua mão escapava. Quando virou seu irmão, quase engasgou. Não era ele! Que criatura era aquela?! O rosto de seu irmão entrou em foco de novo, desmaiado, as bochechas flácidas de água, e Deepa finalmente o agarrou e levou para a superfície. Perto da beira do lado, um drone de resgate ouviu seus gritos e pedidos de ajuda e veio voando, realizando procedimentos de emergência, esvaziando os pulmões de Sudakhar, fazendo intervenção cardíaca por ondas de choque.

Deepa acordou gritando, caindo da cama. Não era seu irmão! Não era seu irmão! Sentia como se mãos tentassem agarrá-la, vindas dos lençóis, do colchão e, derrapando, Deepa saiu de seu alojamento, caindo estatelada no corredor. O alojamento escuro estava vazio.

### **Irmã Cecília**

Um oficial do Exército bateu à porta de madrugada. Cecília amarrou um lenço nos cabelos e abriu a porta. Seria Umoh? Ele disse que trabalharia até o sol nascer, em uma grande operação. Não era Umoh. O oficial do outro lado da porta tirou o quepe e com um profundo pesar, pediu que ela o acompanhasse, pois Umoh estava morto.

Pegando um casaco, Cecília entrou na nave do oficial e eles foram em silêncio para o

quartel, passando por algumas outras naves indo e voltando de bares e postos policiais. De alguma forma, Cecília encontrou a voz e perguntou o que tinha acontecido. Uma briga. Uma discussão. Umoh foi atrás do líder dos contrabandistas que desviava armas do arsenal do quartel do centro. Na troca de socos que se seguiu, ele foi atingido por uma arma de pulso abaixo do queixo. O pulso não machuca se estiver à uma distância segura, mas, próximo ao cérebro, causava um dano irreversível. A morte era instantânea. Talvez isso fosse um consolo, Irmã Cecília pensou.

No Centro Médico, o legista descobriu Umoh até os ombros. Não havia uma expressão reconhecível em seu rosto. Não parecia morto, nem adormecido. Seu rosto não transparecia a morte que o acometera. Me ajuda, Umoh! Levanta, ela pensava. O oficial precisou arrastá-la da sala do legista quando seus gritos começaram a atrair a atenção das outras pessoas. Quando Cecília olhou para trás, sentiu uma sombra acompanhando-os para fora do prédio. Quem é? Dois grandes braços tentaram alcançá-la e Cecília gritou por socorro. Foi quando acordou em seu alojamento, no escuro, sufocando as lágrimas e os soluços que insistiam em subir pelo peito.

—Luzes!

Tudo vazio.

### **Jensen**

Era uma emboscada. Ele sabia. Tinha que sobreviver. Os outros garotos do reformatório queriam pegá-lo no refeitório, então precisava estar preparado, pegar alguma arma. Mas o quê? Uma faca? Aquelas faquinhas ridículas de refeição não ajudariam.

No chuveiro coletivo, ele encontrou uma barra de apoio que estava solta o suficiente da parede. Aí estava sua arma. Ninguém poderia ajudá-lo, teria que resolver sozinho. A capitã estava à sua espera, ele não podia machucar ninguém seriamente se quisesse ter um futuro diferente. Chega de reformatórios e audiências com juízes, chega de celas e comida processada e sem sal. A capitã sempre o ajudava, manteve sua guarda quando poderia mandá-lo para o abrigo, para adoção – e ele sabia que nunca seria adotado com aquela idade ou com sua ficha.

Uma sombra se agigantou ao seu lado. Jensen ergueu a barra, pronto para o primeiro golpe.

—Quem tá aí?! Vem! Pode vir, pra tomar na cara!

Não posso! Não posso! A capitã não vai gostar se eu machucar alguém! Eu fico preso de vez! Mas o perigo estava próximo. Muito próximo! Tenho que ir, tenho que correr... tenho que sair daqui! Eles estão vindo! Estão vindo!

Jensen se levantou, a sensação de perigo iminente; ele seria alcançado, seria pego, não podia desapontar a capitã Rosa de novo!

Jensen caiu da cama de seu alojamento e saiu desembestado pelo corredor. Parou no final do



dele, onde tinha um arsenal de pequenas armas de mão para o caso de alguma invasão ou motim. Pegou um rifle de pulso e continuou correndo da sombra que o perseguia.

\*

—Capitã, Jensen está correndo com uma arma na mão pelo corredor do deque dos alojamentos.

Isso me alarmou. Não conseguia dormir, então fiquei na ponte por boa parte da madrugada. Saí de meu gabinete e olhei para as telas que Jim abriu em vários pontos da nave, vendo que Jensen corria desembestado, olhando sobre o ombro o tempo todo. Parecia que se sentia perseguido, fugindo de alguma coisa, só que não havia ninguém no corredor com ele.

—Deepa está fora de seu alojamento também. Parece distraída e perdida no corredor do alojamento.

—Mas o que está acontecendo? – me perguntei, atônita pelo medo estampado no rosto de Jensen – Acorda a Cecília agora.

Desci da ponte usando as escadas, pulando os degraus, afobada. Jensen não sofria de sonambulismo desde a adolescência, e agora tinha um rifle em mãos. Deepa parecia atônita e sem noção de tempo. Dois eventos muito incomuns ocorrendo ao mesmo tempo, o que eles tinham?

Encontrei Cecília no corredor, tentando dar o nó em seu lenço, mas suas mãos tremiam como se ela estivesse congelando de frio, o rosto cansado por não ter dormido bem.

—O que foi, Jim me acordou...

—Jensen tá sonambulando e com um rifle na mão. Pega um tranquilizante, sei lá, mas ele tem que ser acordado. Um rifle de pulso pode deixá-lo perturbado.

Mal tínhamos nos separado e encontrei Deepa no chão e Jensen rodando no lugar com o rifle na mão, procurando um alvo, um alvo inexistente, berrando palavras ininteligíveis.

—Jensen!

Ele me olhou, mas não me viu. Os olhos estavam alarmados, pressentindo um perigo que estava apenas em sua cabeça. Ao menos era o que eu esperava.

—Jensen, é a Rosa. Segue a minha voz, você está dormindo, está sonhando.

Isso o fez parar um instante, ainda sem me ver, porém menos agitado. Sua mão hesitava no gatilho do rifle, Jensen ainda confuso, tentando buscar na memória se aquela voz era a minha ou se era mais uma parte do sonho.

—Baixa o rifle, não tem perigo nenhum na nave, estamos seguros. Você está sonhando...

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Irmã Cecília injetou um tranquilizante no pescoço de Jensen, que caiu feito uma fruta madura da árvore. Consegui correr a tempo de não vê-lo arrebentar a cara no piso.

—O efeito vai passar rápido, mas ele vai acordar bem – Cecília o examinou rapidamente.

—Deepa – me virei para olhar para ela, encolhida na antepara – O que aconteceu?

—Um sonho... eu... eu... resgatava meu irmão de novo, ele gritava pedindo ajuda, mas não era ele...

Seus olhos grandes estavam chorosos, o cabelo cacheado embaraçado e bagunçado, com marca de travesseiro. Deepa era a mais sensível dos tripulantes, o que explicava sua agitação, mas o sonho deve ter sido muito vívido para causar tamanho terror.

—Você dormiu, capitã? – Irmã Cecília me perguntou, com alguma expectativa.

Talvez eu pudesse explicar o que tinha acontecido aos tripulantes, só que, para sua decepção, eu fiquei em claro em meu gabinete, esperando um contato, qualquer coisa vinda de fora e não preguei os olhos. Entretanto, me fez pensar no sonho que tivera sobre o jogo de pôquer...

—Akilah também teve um sonho ruim. Está no refeitório tomando um chá pra se acalmar – a voz de Cecília saía abatida, cansada.

Pois foi justamente Akilah que apareceu no final do corredor, a feição carregada de lembranças. Olhei para cada uma delas à minha frente, alisei o cabelo de Jensen, que repousava no meu colo. Não era possível ser uma coincidência que todos eles estivessem paranoicos, abalados, sonhando com coisas perturbadoras e eventos marcantes, causando um transtorno tão grande que fez um deles pegar em armas.

—O que é que tá havendo aqui? – resmunguei.

Pedi que cada uma, com calma, me explicasse o que sonharam, quais eram as circunstâncias, o que as tinha abalado tanto. Jensen voltou a si naquele momento e contou sobre o incidente do reformatório e da briga. Até Akilah contou sobre seu sonho vívido e sobre o desconhecido pai de seus bebês, deixando de lado sua usual falta de detalhes sobre a vida íntima.

—Capitã?

Jim veio pelo corredor atrás de mim e, quando me virei, parecia que aquela madrugada não deixaria de me surpreender, pois ele segurava o comandante Joo Se-Hyuk pelo braço, que apertava com força, pela careta de dor que o sujeito fazia, e suas débeis tentativas de se soltar.

—Como foi que esse sujeito entrou a bordo? – me revoltei ao vê-lo ali, vendo nele todos os meus problemas.

Antes que o comandante pudesse responder, Akilah voou para cima dele, um rugido de ira, de ódio, de noite mal dormida, uma mistura de socos e tapas, e precisou ser afastada por Deepa e Cecília antes que eu sequer pudesse me mover. Na confusão que se seguiu, Jensen levantou de rifle na mão apontando para o comandante, plenamente são e acordado.

—CHEGA! – berrei.

Jim já estava com o braço do comandante de novo preso em um aperto doloroso e todos os

presentes pareceram respirar fundo para se acalmar.

—Comandante Joo, é melhor começar a se explicar. Jim, como ele entrou aqui?

—Ele atracou em uma comporta auxiliar, capitã. Uma nave de transporte de pequeno porte acessou meus bancos de memória, onde um worm, que não pude detectar, foi instalado em sua última transmissão com as coordenadas de salto. O comandante me hackeou. Lamento pela falha dos sistemas, capitã.

—Não lamente, aposto que esse verme tem seus meios. E o worm também.

—Capitã Okonedo, eu asseguro que vim com intenções pacíficas.

—Invadindo minha nave? Melhor contar outra – eu estava perdendo a paciência.

—A nave que deveria buscar o contêiner não me respondeu – ele parecia genuinamente preocupado – Peguei uma nave sem identificação e saltei pra cá pra tentar descobrir o que tinha acontecido...

—E a invasão, você justifica como? – Deepa reclamou.

Isso o deixou momentaneamente sem fala. Um tanto arrependido talvez, ou podia ser medo do rifle de Jensen apontado bem para a sua cara.

—Eu temi que a nave pudesse estar comprometida... E sim, enviei o worm na transmissão das coordenadas, mas não pretendia usar. Escute... – Joo pareceu recuperar a empáfia usual e me encarou – Nossa transação não é legal, capitã. Você sabe o que a autoridade de comércio vai dizer.

Senti como se faíscas saíssem pelos poros em toda a minha pele com o sorrisinho presunçoso dele.

—Se alguma coisa acontecer à minha tripulação ou à minha nave, eu vou arrancar a sua cabeça na frente da autoridade do comércio.

Pela expressão que se formou sem eu rosto, Joo ficou consternado com minha ameaça. E, sim, eu faria isso se algo acontecesse.

—Você disse que ficou preocupado, por quê? – Akilah e sua cortante pergunta o fizeram tirar o foco do meu rosto e olhar para ela – Qual é a sua carga, comandante?

Definitivamente agora ele pareceu hesitante, olhando de mim para Akilah, de Akilah para o rifle de Jensen, que deu dois passos e ficou menos de 30 centímetros do nariz de Joo. Engolindo seco mais uma vez, erguendo o queixo para trazer alguma dignidade, ele respondeu:

—Um alien.

A barulheira que se seguiu depois do silêncio constrangido só serviu para me irritar ainda mais. Enquanto alguém ria, outro xingava e eu nem distinguia as vozes mais. Somente Irmã Cecília e eu encarávamos Joo e seu orgulho resignado ao lado de Jim.

—Silêncio! – berrei de novo – Repete o que você falou.

—Ele tá de sacanagem, Rosa! – Jensen estava ainda mais irritado que eu – E eu vou mandar

esse canalha direto pra enfermaria!

—Abaixa esse rifle – fui mais rude que gostaria e me voltei para Joo – Então?

—Ele está morto. Eu o vendi para uma megacorporação de biotecnologia que me pagou bilhões por um espécime.

—Os aliens não são vistos há quase duzentos anos, alguns cientistas dizem que eles estão praticamente extintos e você vem me dizer que tem um alien naquele contêiner? Você acha que eu sou imbecil?

Foi a vez de Jim me conter para não encher a cara daquele safado mentiroso de tapa.

A raça humana se espalhou pelo universo como baratas. Sabíamos construir colônias, naves e estações espaciais, nos adaptávamos fácil aos mais diversos planetas devido à genética e à tecnologia. Nessas andanças pelas estrelas, encontrávamos muita vida como vírus e amebas, bactérias variadas e fungos dos mais diversos, alguns deles rendendo ótimos queijos. Criaturas que lembravam peixes, lulas, criaturas voadoras que pareciam um misto de ave e inseto, mas vida inteligente era rara ou distante demais para nos visitar. Houve duas ocasiões em que foram encontradas ruínas de construções em pedra, sem nenhuma evidência de civilização. A vida inteligente parecia não florescer como fazia crer nossa ficção científica.

Os aliens, por sua vez, são um caso a parte. Existiam algumas lendas antigas que diziam que eles tinham visitado a Terra nos séculos XX e XXI, descartadas por historiadores modernos como fábulas e alucinações coletivas. Aqueles foram séculos muito complicados... atarracados e cinzentos, grandes olhos escuros e sem pelos, eles estavam em declínio de civilização e cultura quando tropeçaram nos humanos em uma missão de colonização há mais de duzentos anos. Nunca quiseram contato, nunca trocaram informações conosco, sabíamos a localização de seu sistema solar – em algum lugar no Setor de Eridano – e é isso. Ver qualquer imagem de suas naves já era um acontecimento, mas capturar um alienígena? Era um fenômeno. Justamente por isso que a afirmação daquele sujeito era tão estapafúrdia.

—Não estou mentindo, capitã. – ele viu minha expressão.

—De acordo com os batimentos cardíacos e respiração, temperatura corporal e bioeletricidade, tudo sugere que ele realmente fala a verdade – Jim pareceu saber o que eu queria.

—Tivemos transtornos essa noite, sonhos vívidos, terror noturno e aposto um bom dinheiro como esse contêiner seu tá por trás disso.

—Impossível, o alienígena está morto. Ele não teria qualquer influência em qualquer um aqui.

—Influência? – Deepa indago preocupada.

Havia várias especulações sobre o poder mental dos alienígenas. Neurocientistas acreditavam que a capacidade cerebral deles evoluiu de tal maneira que, aliada à tecnologia

avançada, os aliens eram capazes de se conectar em uma grande mente coletiva, extremamente inteligente. Esse seria um motivo para nunca se aproximar de nós, nos consideravam inferiores. Outra especulação era que eles teriam medo, puro e simples. E se você está em uma situação em seu povo está beirando a extinção, se aproximar da raça humana deveria dar medo mesmo.

Foi então que me ocorreu...

—Ele não está morto.

O corredor caiu em silêncio de novo, um silêncio tão denso que poderia ser cortado com uma faca. Observei o comandante, que tinha os olhos tão arregalados que era possível ver o branco ao redor da íris.

—Só isso explica o que houve hoje aqui. Todos os sonhos envolveram momentos intensos pra cada um de vocês – olhei para meus transtornados tripulantes – e vocês precisavam de ajuda em todas as situações. Deepa foi capaz de ver a face de um ser estranho no sonho dela. Ou ele tem a capacidade de influenciar nosso sono REM mesmo morto ou não é um cadáver que está lá dentro.

—Mas... – Joo balbuciou – Não, eu tenho certeza que...

—Você matou essa coisa pessoalmente ou apenas recolheu a carcaça? – perguntou Jensen, destilando veneno em cada palavra.

—Nós rastreávamos atividades dos alienígenas nos últimos dois anos e captamos uma transmissão já conhecida dos bancos de dados do Consórcio como sendo de assinatura deles. Mandeí minha equipe investigar e eles sobrevoaram o local de uma queda de nave. Não havia destroços com tecnologias que pudéssemos usar, mas... havia um corpo. Muito machucado, parecia doente. Relatei que não encontramos nada, mas recolhi o cadáver com a ajuda de robôs. Eu o vendi e recebi a metade até poder entregar.

—Já parou pra pensar, comandante – me aproximei de seu rosto o suficiente para sentir sua respiração – que a nave que deveria buscar seu cadáver pode ter sido interceptada pelos amigos dele a essa altura?

Aí sim eu vi medo naqueles olhos escuros de Joo, que não sustentou meu olhar por muito tempo, preferiu admirar o padrão metálico do piso em vez de encarar qualquer um de nós. Se a nave que buscaria o contêiner foi destruída ou incapacitada, o que poderia acontecer com a Amaterasu?



# CAPÍTULO 7

Não sei bem qual era a função de Jim naquela manhã, segurança ou guarda-costas de Joo devido a tantos sentimentos de medo e revolta em minha tripulação. Jensen queria colocá-lo numa comporta e jogá-lo no espaço. Akilah achou a ideia atraente e o apoiou. Cecília era mais fria e queria interrogá-lo o máximo possível para saber o que fazer a seguir. Deepa seguia mais ou menos minha linha de pensamento, a de encher o comandante de porrada.

Depois de muito jogar ideias daqui para lá, Irmã Cecília chegou a uma conclusão que preferiu dividir apenas comigo. Estávamos em meu gabinete depois de uma longa conversa com Joo, que não tinha mais tantas informações para nos dar. Era só um mercenário em busca de dinheiro que cometeu um ato extremamente imprudente. E, admito com relutância, recebeu minha ajuda, quando concordei em transportar aquela coisa.

—Se esse alien tá vivo, como ele pode sobreviver ao vácuo do contêiner? – eu me perguntava.

—Jensen acha que é um contêiner refrigerado, com atmosfera. Se ele estiver vivo mesmo, pode estar tentando sair.

—Era o que me faltava... Ele não conseguiria entrar na nave pelo lado de fora sem descomprimir todo o deque.

—Acho que ele está se comunicando com a gente, capitã. Acho que está pedindo ajuda.

Sacudi a cabeça, sem entender o que ela queria dizer.

—Você mesma disse que em nossos sonhos todos precisavam de ajuda. E é muita coincidência que todos sonhassem na mesma noite com eventos marcantes ou traumáticos. Deepa até acha que viu o rosto dele.

—Ele pode ter tentado contato com o povo dele, então... – amargamente, concordei – Que merda, isso tinha que acontecer agora?

—Acho que já podemos presumir que a nave que viria buscar esse contêiner não vem mais.

—Vou levar a nave para uma região com retransmissão e mandar esse safado falar com a empresa ou com o contato dele e mandar um resgate.

Quando Irmã Cecília achava minhas ordens bizarras demais, ela sabia demonstrar isso muito bem. Enrugava a testa, cruzava os braços, me olhava de viés e mesmo sem falar nada, era o suficiente para me deixar desconfortável. E era exatamente assim que Cecília me olhava naquele momento.

—Que foi?

—É uma forma de vida inteligente, Rosa.

—É um alien, Cecília.

—Ele foi abatido e transportado ilegalmente pra ser vendido para uma corporação de biotecnologia. Acha que isso é certo? E se fosse com você?

—Eu não estou aqui pra questionar meus clientes, estou?

Se ela fosse um animal selvagem, teria rosnado e eriçado os pelos de tanta raiva do que falei. Tive a impressão que Cecília até cresceu alguns centímetros.

—Seu cliente causou um transtorno dentro desta nave com sua preciosa carga. Ele abateu, vendeu e transportou uma criatura inteligente como se fosse gado.

—Ele não tem direitos humanos garantidos! Por acaso eu devo ir lá na sede do Consórcio pra lutar pelos direitos dos aliens? – falei ,com ironia.

—Você não é burra, Rosa, então não me diga que é desonesta – ela foi rude – É um ser senciente, que veio de uma civilização inteligente que se desenvolveu fora da Terra; é capaz de viagem interestelar, precisa ser tratado com respeito. Pra mim, não interessa que ele tenha nascido de outra forma que a nossa, mas essa vida é importante.

Eu devia saber que a formação naturalista e pregadora de Cecília afloraria em uma discussão como aquela. Nós nem sabíamos o que estava naquele contêiner, nem se devíamos temer ou ajudar essa criatura. De qualquer maneira, suas palavras me atingiram como um golpe. Relutava em admitir que ela estava certa, então dei as costas e espalmei as mãos na escotilha da minha sala para olhar para o nada. No que a humanidade seria diferente de mil anos antes, quando pessoas morriam simplesmente por terem nascido na configuração diferente do status quo?

Sim, o alienígena era uma forma de vida inteligente, capturada e presa. Mas que recursos tinha eu para salvá-lo? Eu só transporto coisas, pensava comigo mesma e com minha relutância. Não sou um soldado. Resignada, finalmente olhei para Cecília, que parecia ainda mais irada que antes.

—E o que faremos?

—Marque um curso para o setor de Erídano e deixe o contêiner lá.

Por que ela não me pedia algo mais fácil, como dismantelar um buraco negro ou criar a fusão a frio? O Setor de Erídano era, em parte, restrito, e justamente por ser o local de onde os aliens vinham. Um setor não corresponde, exatamente, às estrelas que aparecem no céu da Terra. É apenas uma conveniência. Os setores foram criados para facilitar a navegação, baseados na

visualização do espaço do ponto de vista da Terra, mas na realidade as estrelas que compõem uma constelação estão bem longe umas das outras. Dizer Setor de Erídano equivalia a poucas estrelas e seus planetas que fossem próximas do espaço do Consórcio. E em uma de suas estrelas mais distantes, estava o Planeta Alien, uma designação também informal.

Se o governo sabia alguma coisa sobre o planeta e sobre a sociedade deles, mantinha isso bem guardado. A história do contato nem mesmo era ensinada nas escolas nas últimas décadas. O governo... fiquei remoendo aquilo.

—Duvido muito que o comandante seja a cabeça dessa operação. Duvido até que esteja agindo sozinho. Um comandante é uma patente baixa pra negociar coisas assim. — acabei falando mais para mim mesma que para Cecília.

—Somente os militares teriam tecnologia pra rastrear as naves deles e somente alguém bem graduado negociaria algo assim.

—Joo foi mandado pra cá pra assegurar que a Amaterasu não volte pra casa... — pensar nisso me deu um estalo instantâneo — Jim, marca um curso pra longe daqui, o maior salto que você puder dar, agora!

—Salto calculado, drivers ligados. Saltando em 3, 2, 1...

Flash. Silêncio.

—Estamos no Setor de Baleia, capitã. Recarregando drivers. Não há naves nas imediações.

Cansada e de cabeça cheia, sentei em meu sofá. As mãos latejavam de dor e Cecília percebeu minha expressão, ajoelhando-se à minha frente, massageando os nós dos meus dedos.

—Eu coloquei a gente nessa situação. Agora preciso dar um jeito de tirar de nos tirar dela.

—Rosa...

—Já me decidi, Cecília — olhei firme para ela.

\*

Sentei Joo na cadeira da bancada de comunicações, com uma furiosa Akilah ao lado, por ver aquele sujeito usando seus sistemas. Jim permanecia como guarda-costas do comandante enquanto ele estivesse a bordo.

—Tem certeza? — Joo me observou.

—Você me colocou nessa situação e eu quero sair dela. Chame seus contatos e mandem tirar esse contêiner daqui. Assim que a entrega for feita, você pega sua nave e se manda.

Quase podia sentir Cecília sacudindo a cabeça de incredulidade com minha ordem, enquanto Joo tentava enviar uma mensagem pelo subespaço. Sei que ela me recriminava por não pensar na vida da criatura, mas eu tinha que ser prática. Aquela situação poderia se tornar extremamente perigosa caso eu continuasse com a carga a bordo. Admito, era culpa da minha ganância e necessidade, então só cabia a mim decidir o que fazer.



Jensen também não parecia feliz. Evitava me olhar diretamente, de braços cruzados, encostado na antepara da ponte. Deepa se encolheu em um canto e ali permaneceu, em silêncio, ainda abalada pelo sonho, suas olheiras dizendo o suficiente.

—O que vai acontecer com ele?

A voz de Cecília quebrou o frágil silêncio que nos envolvia. O comandante parecia não querer responder, mas se virou para ela muito sério.

—Bioengenharia, biotecnologia, novos medicamentos. O corpo de um alien é bem valioso e raro, o Consórcio mantém tudo em segredo e divide com poucas empresas.

—E o que um cadáver pode fornecer? – Jensen ficou intrigado.

—Ora... – o sorrisinho presunçoso voltou – De onde você acha que todas as tecnologias avançadas que usamos vieram? Os aliens foram retalhados por anos pra desenvolver a rede neural que usamos em todas as nossas naves, por exemplo.

Irmã Cecília precisou sentar em minha cadeira ao ouvir isso, atingida pela crueldade das palavras do comandante. As redes neurais foram a grande inovação da tecnologia espacial e que revolucionou a navegação, as comunicações, a própria interface dos computadores séculos atrás. O que antes era feito com cabos de cobre e fibra ótica agora crescia pelos dutos e passagens como uma criatura orgânica, munida de PNA, um tipo de DNA eletrônico construído artificialmente.

—Várias fibras que usamos hoje em dia, compostos e metais, tudo inspirado em tecnologia alien adquirida.

—Roubada, você quer dizer – Deepa acrescentou.

—Em que universo vocês vivem? – a voz dele ficou cruel – Nossa sociedade se manteve retalhando, cozinhando, ingerindo e utilizando proteína animal por milênios. No que isso é diferente de usar um alienígena?

—Não estamos falando de uma vaca aqui! – Cecília se irritou e se ergueu em posição de ameaça – É uma forma de vida inteligente, que foi capaz de evoluir a ponto de viajar pelo espaço, como nós fazemos! E se fosse o contrário e fosse um ser humano naquele contêiner? Que humanidade é essa?!

Sei que ela queria uma atitude de minha parte, queria que eu lhe desse razão e tomasse a decisão correta, mas eu me mantinha imóvel, perto da bancada de comunicações onde Joo soltava seus absurdos. Jensen e Deepa também me olharam com expectativa, e Akilah até se afastou da bancada onde não havia muito tempo ela esteve hidratando a rede neural do sistema.

—Terminou? – perguntei.

—Já – ele pigarreou – A resposta deve chegar em breve.

—Jensen, leve o comandante para uma sala no deque 10 e tranque a porta.

—Com prazer.

Era possível ver a satisfação nos olhos de Jensen enquanto ele segurava o braço de Joo de forma pouco amistosa e levava da ponte um comandante bem irritado, deixando todas nós em um estado de completa incredulidade. Podia sentir os olhos de Cecília, Deepa e Akilah sobre mim, cobrando, avaliando, julgando, acusando. Não era preciso dizer qualquer coisa para me fazer sentir a culpa que já me destruía por dentro.

Se tivesse um buraco na ponte grande o suficiente para eu me enfiar, teria feito isso. O único lugar que poderia me esconder dos olhos acusadores era o meu gabinete e foi isso que fiz, quase correndo até lá. Quando a porta se fechou atrás de mim, pude soltar o ar que nem percebi que ainda prendia. Respirei fundo mais algumas vezes para me acalmar, sentei em minha cadeira e tentei relaxar. Todo tipo de pensamento passava por minha cabeça agora. O que fazer? Como proceder? Já tomei várias decisões polêmicas e difíceis antes, mas nada como isso. Toquei no vidro da mesa e as telas de sempre se abriram. Pedi as imagens das câmeras do setor de carga e o contêiner escuro e sem marcas apareceu, uma miniatura de um grande problema. Permanecia imóvel, sem nenhum arranhão ou dano, exatamente do jeito que o encontramos. Mais cedo, Jensen comentou *“De tantas naves, por que esse negócio veio bem para a nossa?”* Fácil: minha ganância.

\*

Uma xícara de chá de cardamomo, com um pinguinho de limão foi colocado à minha frente. A xícara amarela, de um jogo de seis, com a borda rendada e margaridas estampadas, com pires combinando, foi um presente meu.

—Aqui, mãe.

Passei os olhos pela sala de jantar ampla, com grandes janelas, cortinas florais, tapete, uma mesa redonda bonita com um tampo de vidro por onde eu via meus pés. Uma casa de gente preocupada com limpeza e arrumação, um pouco fora de moda para o meu gosto, na verdade. Mas era uma casa confortável, isso nem se discutia.

Provei o chá, o vapor quente coçando meu nariz.

—Ah, que delícia. Obrigada, filha.

Pegando minha netinha do meu colo, ela me deixa saborear meu chá favorito em paz. Os biscoitinhos de amêndoas que gosto estão ali também. O chá estava perfeito. A cor, o sabor, o aroma, o limão. Tudo. Por isso, já estou preparada para a conversa que virá, aquelas conversas que a gente nunca gosta de ter com as pessoas que ama. Minhas mãos doem um pouco. Sinto os nós dos dedos doloridos, sensíveis a tudo, especialmente ao clima. O médico disse que é normal.

Os grandes olhos amendoados de Maísa estão marejados. Trancei seu cabelo no dia anterior e ela parecia uma rainha, suas bochechas altas, o rosto em forma de coração. Sei o que ela está pensando, quase posso ouvir suas maquinacões. Já vi esse olhar mais vezes do que gostaria. Ela

está com o olhar baixo, seguindo com a ponta do dedo o padrão floral da toalha de mesa, como se engolisse palavra por palavra daquilo que queria me dizer e não dizia. As maçãs do rosto são minhas e aqueles lindos olhos certamente são do pai. Ela lembrava muito a mim no temperamento... quase podia me ver mais jovem.

—Não fica triste, filha.

—Não dá, mãe.

Lá vamos nós de novo...

—Queria que você pudesse entender...

Não compreendia o que ela queria dizer. Observei com maior cuidado seus grandes e brilhantes olhos, tentando adivinhar o que a atormentava.

—Já se sentiu presa a algum lugar?

—Como assim, Mã?

—Suponha que os direitos inalienáveis que você sempre teve fossem tirados. E que, de repente, você não pudesse sair da prisão onde a colocaram. Mesmo sendo inocente, ninguém a ouve. Não sei se estou me fazendo entender... — ela riu sem jeito.

—Claro que está. Bem, eu tentaria pedir ajuda, gritar, berrar, fazer um escândalo. Quem é inocente nunca deve ser preso injustamente.

—Mas acontece, não acontece?

—Bem, a raça humana já cometeu vários tipos de injustiças e atrocidades contra si mesma. Avançamos muito, acredito.

—Mas injustiças ainda acontecem. É uma injustiça eu querer que você fique comigo, enquanto está tão ansiosa para voltar para a Amaterasu. É injusto deixar sua neta e ir trabalhar. É injusto chegar em um porto e não ter a carga que você espera. Injustiças não deixaram de existir. Elas estão em toda parte, mesmo se não as vemos.

Não entendia bem para onde esse sonho estava indo, mas estava satisfeita por ouvir a voz de Maísa, de ver minha neta se deliciando com os biscoitinhos de avelã. Era revigorante ter sua companhia mais uma vez. Ela então me olhou de maneira amorosa, brincando com a neném que devorava mais um biscoitinho.

—Você não é uma pessoa má.

—Ora, obrigada — falei em tom irônico, e rimos gostosamente — Apenas não entendo o que você quer dizer?

—Está nas suas mãos o poder de desfazer injustiças, mãe. Se você tem esse poder, está se correndo de culpa à toa.

Demorei alguns segundos para apreender toda a implicação daquela frase dita com tanto amor e simplicidade. E foi aí que entendi. Eu não estava falando com Maísa. Ela continuava linda e carinhosa com Zoe, bem ali, à minha frente, tomando chá comigo. Estávamos em sua

casa, em sua sala de jantar, como no dia em que nos despedimos. Mas não era ela.

Engoli em seco, procurando as palavras, sem saber se elas sairiam.

—O que... — minha voz falhou, e me esforcei para tentar me acalmar, quando Maísa pôs sua mão sobre a minha.

—Mãe, você já viveu o suficiente para ver de tudo no universo. Já viveu situações incríveis, que poucas pessoas tolerariam. Sei que tipo de pessoa você é. Por isso estou pedindo, faça a coisa certa. Não deixe injustiças se perpetuarem. Todo o dinheiro do universo não teria o poder de comprar bom caráter ou uma consciência limpa.

—O que o comandante falou é verdade? Que o Consórcio se valeu de corpos de alienígenas pra gerar biotecnologia, como a que temos hoje?

—Sim. Seu governo chegou a ter uma linha de comunicação com o deles. Havia uma troca modesta de informações. Os alienígenas estão definindo lentamente, no gargalo evolutivo que os impede de avançar enquanto sociedade. Achavam os humanos curiosos e até divertidos, mas também perigosos.

—E o que aconteceu?

—Quando o ser humano ficou ganancioso, querendo mais informações, mais tecnologia, ele começou a atacar naves e a apreender corpos e equipamentos. Não foi fácil, muita coisa era tóxica, mas, no fim... — ela lamentou — A busca humana por mais recursos fez os alienígenas recuarem para seu planeta e realizarem poucas incursões no espaço, já que também não dispunham de muitos recursos.

—O ser humano foi o responsável pelo sumiço deles?

—Sim. Encare isso como uma Sétima Extinção — disse ela, com uma amarga ironia.

—E agora?

—Você tem uma situação de injustiça a bordo. Um ser com sentimentos, com emoções, está aprisionado. Mil e quinhentos anos atrás, seu povo sabia bem o que era ser privado de liberdade e direitos. Pode imaginar como esse ser está se sentindo agora.

A raça humana escravizou seus semelhantes baseada em preconceitos racistas e xenófobos, o que levou a todo tipo de absurdos. Cor, gênero, sexualidade, tudo isso servia para definir quem era digno de ter direitos e de ser tratado como um ser humano. No que a Amaterasu era diferente dos navios negreiros de mil e quinhentos anos atrás, que transportavam pessoas para outros continentes, contra sua vontade, como se carregasse uma mercadoria qualquer?

De repente, o chá pareceu perder o gosto. Meus olhos arderam pelas lágrimas que tentei segurar e não consegui. Maísa ainda me olhava com carinho. Ou melhor, alguém se passando por Maísa. O mesmo rosto em forma de coração, os mesmos cabelos trançados na raiz, os mesmos olhos brilhantes e ainda assim não era ela.

—Faça o que é certo.

—Como? – minha voz se perdeu entre meus soluços – O que posso fazer pra te ajudar?

—Sua médica lhe deu a resposta. Não precisa fazer mais nada.

—Maísa... eu...

—Você cometeu um erro, mas pode consertá-lo. Isso é o que importa. Eu te amo, mãe. Está na hora de acordar.

Foi como se eu caísse sobre meu assento. Com o susto, levantei e empurrei a cadeira com tanta força que ela foi ao chão. As telas na minha mesa continuavam abertas, o contêiner ainda me observava em sua fria posição no setor de cargas.

—Jim! – minha voz saiu mais alta do que eu gostaria.

—Sim, capitã.

—Setor de Eridano, pode calcular um salto para ele, o mais perto que conseguir?

—Posso, os drivers já estão carregados.

—Salte agora.

—Atenção, tripulação, preparando-se para salto estelar em 3, 2, 1. Saltando.

Flash.

Minha sala.

O gosto do chá em minha boca.

A estranha sensação de ter alguém atrás de mim o tempo todo.

Os barulhinhos de Zoe com o biscoitinho.

O olhar de Maísa.

Mas minha sala estava vazia, espartana como de costume. A sensação não me deixava, não queria ir embora. Apreensiva e não querendo ficar sozinha, fui para a ponte, onde Akilah estava sentada em sua bancada.

—Responderam a mensagem do comandante – ela disse – Uma nave está sendo enviada para buscar o contêiner, apenas querem a confirmação do ponto de encontro.

—Não responda. Mudança de planos. Jensen?

Sua voz demorou para sair por meu comunicador subcutâneo ao lado da orelha.

—Fala.

—Prepare o contêiner. Vamos deixá-lo aqui. Assim que estivermos a uma distância segura, Jim vai realizar um salto para um local habitado e perto de uma estação de retransmissão.

—Deixa comigo – ele parecia mais animado.

—Jim, navegue por espaço normal. Tem algum planeta por perto?

—Tem, um planeta rochoso, modelo Terra. Podemos fixar órbita. É desabitado.

—Ótimo, fixe órbita. Quando Jensen estiver pronto, quero o contêiner em uma órbita estável e volte a navegar o mais rápido que conseguir.

A nave viajou por vários minutos em silêncio, enquanto eu gastava o piso da ponte, andando

de um lado para outro, sentindo a urgência da situação, o planeta meio esverdeado aparecendo na escotilha frontal, cada vez maior.

—Capitã – Akilah me observava com algo próximo à curiosidade – Acha que vão encontrá-lo? O povo dele?

—Aposto que estão nos observando agora mesmo – disse, apreensiva – Já vimos o poder que eles têm.

—Órbita fixada – Jim me avisou.

As portas da ponte se abriram e Deepa entrou, um olhar sonolento, mas perguntando por que tínhamos saltado repentinamente. Expliquei o melhor que pude, sem me enrolar, a situação atual e ela pareceu aliviada por nos livrarmos daquele problema. O alívio era mútuo.

—Capitã, uma nave acabou de entrar no setor – disse Jim, e uma tela holográfica se abriu, mostrando um ponto distante e irreconhecível para nossos olhos humanos – É uma nave corporativa, da Newman-Horst. Ainda está a algumas horas de nós.

Newman-Horst era um megaconglomerado empresarial que atuava em diversas áreas diferentes, porém todas as pesquisas eram voltadas para a biotecnologia. A nanotinta da Amaterasu que comia detritos e protegia o casco era de fabricação deles. Não pude deixar de pensar de onde essa tecnologia tinha vindo e quantos negócios por baixo dos panos tinham sido feitos.

—Como eles puderam nos achar? – Akilah parecia se perguntar.

—Não importa, eles estão longe o suficiente para não nos causarem problemas. Se nos chamarem, ignore. Jensen!

—Tudo pronto – ele respondeu – Despressurizei o setor de carga, abrindo as comportas externas.

As telas mostrando a operação se abriram junto à escotilha frontal. P contêiner estava sendo rebocado por dois drones, que piscavam suas antenas de navegação. Um na frente, outro atrás, os dois começaram a empurrá-lo para fora da nave em sua precisão robótica. O tênue brilho do planeta abaixo entrava pela comporta aberta, oculto momentaneamente pela carga escura passando na frente dele.

Faça o que é certo. A frase ainda martelava em minha cabeça. Esperava estar fazendo exatamente isso.

—Capitã, a nave da Newman-Horst está chamando. Querem saber do contêiner.

—Vou dizer onde eu vou enfiar esse contêiner – Deepa disse, num tom vingativo.

As telas agora mostravam os drones posicionando a carga na órbita pré-estabelecida por Jim. Assim que ele ficou estável, os dois drones voltaram para seus lugares dentro do setor de carga, que voltou a se fechar.

—Capitã, algum tipo de anomalia não identificada em meus bancos de memória se abriu, 5

parsecs de nossa posição.

A tela não mostrava nada, mas nem precisava. Eu sabia do que se tratava. E um sentimento irracional de urgência se apoderou de mim.

—Dê a volta, Jim, agora!

—Propulsores ligados, 100% de potência – ele repetiu – Devo investigar a anomalia, capitã?

—Não, merda, só saia daqui!

—A nave da Newman-Horst acelerou rumo ao planeta, capitã – Akilah estava assustada.

Tinha que dar tempo, tinha que dar tempo... fiquei repetindo em minha cabeça, como um mantra. As telas mostravam o local da anomalia e não havia nada para se ver lá. A nave corporativa que vinha crescendo nas telas continuava chamando e o contêiner, o grande objeto de cobiça, ali parado, permanecia placidamente observando a situação em sua órbita estável.

Antes que eu pudesse pedir nossa posição e a situação dos drivers conforme deixávamos a carga para trás, um clarão intenso, como se uma estrela explodisse, iluminou a ponte. Não ouvi, senti, nem soube o que estava acontecendo. Apenas aconteceu, aquele instante breve em que tudo se alonga rumo aos confins do espaço-tempo, aquele instante sem significado, que significa tudo, que muda vidas. O momento infinitesimal, que depois nos lembramos como uma eternidade.

\*

Sentindo a cabeça pesada, como se estivesse de ressaca, me virei e estiquei os braços para longe do corpo, um chão frio sob mim. Abri os olhos enevoados e me deparei com o teto da ponte. Uma penumbra vermelha tomava conta dela, e eu escutava avisos sonoros confusos. Eram telas de emergência, avisando que o servidor estava off-line, avisos sonoros de falhas e problemas. O servidor estava mesmo desligado, vi Jim desativado, os braços robóticos frouxos, a cabeça baixa, o queixo no peito. Deepa estava caída de lado, não muito longe de mim, seus cabelos volumosos esparramados pelo piso. Toquei seu ombro e a virei; ela respirava, apenas estava desacordada. Akilah estava caída em frente à sua bancada de comunicações, a cadeira virada, também adormecida.

Com esforço, me levantei, as pernas parecendo feitas de geleia, e me apoiei no balcão da engenharia. Sua tela se acendeu. Inseri meu código mestre de reinício do sistema. As telas vermelhas se apagaram uma a uma, a iluminação da ponte voltando ao normal aos poucos, avisos sonoros de problemas parando um por um. O silêncio reinou mais uma vez, para meu alívio. Porém, eu não lembrava como ou por que estávamos naquela situação.

As portas se abriram e Cecília entrou, ainda atordoada, mas pronta para qualquer emergência médica que encontrasse. Me examinou rapidamente, fazendo perguntas rápidas, e depois examinou Deepa e Akilah, que já estava acordada.

Com uma trêmula reinicialização, Jim ergueu a cabeça e girou nos calcanhares para observar a ponte, encontrando meus olhos.

—Capitã Rosa.

—Onde está Jensen? Consegue vê-lo?

—Está caído no corredor que leva ao setor de carga. Sinais vitais estáveis.

—Ótimo – me sentei em minha cadeira, as mãos latejando de dor – O que aconteceu aqui?

—Não sei dizer, capitã. Acredito que foi a anomalia. Por um instante – Jim titubeou, o que fez todas nós olharem para ele – achei que uma nave se aproximava de nós. E não era a nave corporativa.

Para uma máquina, Jim usava muito o verbo ‘achar’, o que não era muito preciso de sua parte. De alguma forma, isso me tranquilizava, ele podia agir em dúvida e seguir sua intuição mecânica.

—Onde estamos? – Deepa perguntou já acordada, mas ainda atordoada.

—Voltamos ao setor de Baleia – disse Jim – embora eu não saiba como.

Eu imaginava, apesar de não querer admitir que a tal anomalia tivesse nos transportado de volta para onde estávamos.

—Capitã, o comandante Joo não se encontra na nave.

—Como disse? – perguntei surpresa.

—Nem ele nem sua nave. Eles desapareceram.

Jim até abriu uma tela para mostrar a sala onde o comandante tinha ficado. Estava vazia.

Aquela estranha sensação de presença tinha ido embora de vez, não sem deixar consequências. O comandante tinha desaparecido, estávamos há dezenas de anos-luz da posição original e não sabíamos o que tinha acontecido ao contêiner ou à nave corporativa. Algo me dizia que o ser confinado naquela caixa tinha sido resgatado.

Jensen entrou correndo, preocupado com saber se estava todo mundo vivo, e me abraçou longamente, sussurrando em meu ouvido que teve medo de não encontrar ninguém na nave. Seu abraço quente e apertado acabou me tranquilizando também. Com a calma se apossando de nós novamente, acabamos sentados pela ponte, ainda sem saber bem o que dizer, comendo algumas frutas desidratadas do kit médico da Irmã Cecília. Cada um ali tinha no rosto as marcas da experiência que nos assolou. Seus sonhos, seus temores, foram todos remexidos por uma criatura que não tinha como se comunicar conosco de outra forma. Para uma espécie capaz de entrar em sua mente e de ler seus sonhos para usá-lo como via de comunicação, criar anomalias no espaço e nos transportar por anos-luz instantaneamente devia ser simples e bem fácil. Acredito que eles tenham levado o comandante e sua nave, quem sabe até destruído a nave corporativa. E nos deixaram viver. Algo me dizia que era uma forma de agradecer. Mas eu também poderia estar errada. Como avaliar? Como estabelecer uma base comum com o desconhecido? Eu não tinha



como responder a tantas questões. Havia também a vergonha. Sim, eu estava envergonhada por ter dado ouvidos à minha ganância ao invés de simplesmente fazer o que era certo. Quase matei todos a bordo, causando traumas e revivendo lembranças que muitos não queriam mais ver. Entenderia se todos saíssem da Amaterasu depois disso.

—Capitã, um cruzador de batalha está nos chamando – Jim se virou para mim – É o Eketāhuna.

Acabei me encolhendo em minha cadeira, meio que sem querer. Irmã Cecília deu um sorriso discreto de lado e continuou comendo, ouvindo os colegas conjecturando e dando opiniões sobre o que aconteceu.

—Abra um canal privado no meu gabinete, Jim.

Fui para lá, com todos os pares de olhos da ponte cravados em minhas costas, orgânicos e mecânicos. Quando entrei, a tela já estava aberta e um homem aguardava por mim. Detestava admitir, mas era bom vê-lo.

—Mike, como vai?

—Olá, Rosa. É bom ver que está viva. Maísa entrou em pânico quando você parou de mandar mensagens.

Maísa só chamaria o pai se estivesse muito desesperada. Mike Puatai foi meu marido por poucos anos. Cansado de me esperar com uma criança no colo, decidiu seguir sua carreira, onde cresceu rapidamente. Tinha sido nomeado capitão do Eketāhuna há menos de um ano, Maísa e eu estivemos na cerimônia de comissionamento e foi uma feliz reunião de família. Ele tinha aquele típico porte militar, atlético e forte, uma tatuagem tribal cobrindo o queixo, mas seus olhos amorosos me chamaram a atenção logo que nos conhecemos. Éramos jovens, imprudentes, apaixonados e, às vezes, eu sentia falta de todas aquelas emoções.

—Sabe como Maísa é preocupada... – tentei minimizar o que aconteceu.

—Sua nave está à deriva há quatro dias. Nossos telescópios de espaço profundo estavam monitorando sua situação enquanto tentávamos cobrir a distância. Fico feliz de saber que estão todos bem.

Pela minha total perplexidade, Mike notou que eu nem tinha ideia do tempo em que ficamos parados como um navio avariado em mar aberto. Devíamos estar em uma parte do setor de Baleia de pouco movimento ou já teríamos sido abordados.

—O que aconteceu, Rosa?

Eu nem sabia como começar a explicar. Sabia que tinha que contar, Mike parecia preocupado. Pedi que ele viesse a bordo e pude contar, em meu gabinete, o que eu *acreditava* ter acontecido, já que não havia memórias nem dados relevantes em Jim para explicar. Sentado em meu sofá amarelo, ele ouviu pacientemente, com uma caneca de café na mão, acenando com a cabeça, me incentivando a continuar o relato.

Quando terminei, fiquei esperando uma resposta. E nada. Ele continuou lá, com seus lindos olhos castanhos, bebendo o café em silêncio.

—Então? – perguntei, irritada – Estou louca? Estou presa, o quê?

—Não vim aqui te prender, Rosa. Estou fora de curso e posição te procurando porque nossa filha ficou preocupada e agora vejo que com razão. Mas... – ele hesitou – o comandante Joo não estava errado.

—Como assim não estava?

—Há muita tecnologia alienígena na sociedade. E sim, nem tudo foi obtido legalmente. Entenda, estou contando isso acreditando que você manterá tudo em segredo.

—Mesmo que eu revelasse isso a alguém, quem acreditaria? – comecei a andar de um lado para o outro – Eu nem saberia por onde começar.

—Fico feliz de encontrar você e sua nave inteiras. Você não respondia e comecei a temer pelo pior.

—E agora? Vai me entregar pra autoridade de comércio? – perguntei exausta, e de cabeça cheia.

Um ar divertido passou por seus olhos enquanto ele terminava seu café. Nunca deixamos de nos falar depois que nos separamos, e eu gostava muito dele. Era um bom homem, um bom pai, nunca deixou de me apoiar quando necessário, apenas não tínhamos mais aquela paixão um pelo outro. Ele virou alguém que era casado com o trabalho, assim como eu. E era alguém com quem eu podia contar quando necessário, mesmo sabendo que a recíproca não era sempre verdadeira.

—Maísa me esganaria se soubesse que eu te denunciei. Não, vou rebocar sua nave até um porto seguro. No meu relatório constará uma missão de busca e resgate. Algo me diz que é do que você precisa agora.

Uma onda de alívio percorreu meu corpo ao ouvir isso. Deixando a caneca de lado, ele se levantou e me abraçou longamente, sabendo que isso me acalmaria. Sussurrei um ‘obrigada’, me permiti relaxar por alguns instantes, pedindo que ele avisasse Maísa de que estava tudo bem.

Para justificar a missão do Eketāhuna, fomos rebocados de maneira lenta e meticulosa e, quando chegamos ao Porto Araraquara, alegamos que os engenheiros do cruzador militar nos ajudaram a reparar os problemas da engenharia, e que precisávamos apenas de uma rápida revisão. Não era uma explicação muito boa, mas ninguém perguntou mais nada. Enquanto a tripulação estava de folga, Mike e eu entramos em contato com Maísa, que ficou aliviada ao nos ver e me passou um sermão sobre responsabilidade e dever, como se eu fosse a filha rebelde e ela a mãe preocupada. Foi engraçado, mas necessário. Fiquei feliz em vê-la. Zoe estava linda, grande e ficava na escolinha da empresa onde Má trabalhava. Não pude evitar pensar na estranha conversa com o alienígena e a forma que ele adotou para atrair minha atenção e da tripulação. Provavelmente não esqueceria daquela conversa nunca mais. A tripulação agia da mesma

maneira. Estavam mais calados que de costume, mais pensativos. Avaliando o que seria dali para frente.

—Você vai ficar bem?

Mike e eu andávamos pelo Boulevard Paris do Porto Araraquara, um local de lojas e bares, um tanto vazio naquele horário. Era uma pergunta simples, que eu não sabia como responder. A conversa com Maísa no meu sonho vívido me deixara triste e confusa sobre uma série de coisas. Até onde eu iria para conseguir lucro? Até onde eu iria para defender meus interesses? Como nossa sociedade podia banir a crueldade contra seus semelhantes e contra animais, mas não se importava em abater e vender um ser vivo inteligente para uma empresa apenas por dinheiro? Podia uma estivadora como eu ter tantos pensamentos filosóficos e morais quando era possível apenas dar de ombros e pegar o próximo trabalho?

—Não sei dizer, Mike.

—Se o que você carregava era mesmo um alienígena, todas as experiências que você e sua tripulação tiveram podem mesmo ter acontecido. Eles são telepatas, empáticos e podem manipular pensamentos e sonhos.

—Me preocupa mais saber que eles estão sendo usados como experimentos ao invés de serem respeitados pelo o que são. Deixados em paz como pediram. — lamentei mais uma vez, e não seria fácil deixar de lamentar tão cedo — Mike, acha que outros podem tentar fazer isso de novo?

Ele parou de caminhar, esquadrinhando meu rosto com cuidado e, depois, olhando além, em volta de nós e para longe, perto da entrada do boulevard, como se receasse ser ouvido. Provavelmente ele me contaria mais alguma informação confidencial que apenas oficiais graduados tinham.

—Os aliens nunca voam sozinhos. Eles podem controlar suas naves mentalmente com uma avançada interface que ninguém sabe como funciona. Se o que o comandante disse é verdade, possivelmente existiam mais dois alienígenas na queda.

Mike chegou a pesquisar sobre o tal comandante Joo Se-Hyuk e o máximo que descobriu é que ele era da Inteligência. E nem era comandante, era major Joo Se-Hyuk. Foi dado como desaparecido desde o dia em que fizemos negócio em Porto Vishnu. Talvez estivesse desertando com o dinheiro para nunca mais ser encontrado. Quem diria que ele sumiria de verdade, não é mesmo?

—Me pergunto onde estão agora...

—Muito estrago já foi feito. Esqueça o assunto, Rosa. É melhor assim.

—Não vou falar mais sobre o assunto, mas esquecer... — o observei com cuidado — Aliás, pra quem eu vou contar? Quem vai acreditar em mim? São só histórias de uma capitã que passou tempo demais no espaço, é o que dirão.

—Deixe as estrelas falarem – disse com um sorriso – Não é o que você sempre me disse?

Tive que rir com ele, pois o ditado de minha mãe cabia perfeitamente nessa situação. As estrelas não teriam para quem contar. Nem eu.



# AGRADECIMENTOS

Um grande obrigada a todas as inspirações, episódios, livros e ideias que contribuíram para esta novela. Um grande obrigada às leitoras e leitores do Momentum Saga e à Dame Blanche, por me acolher.



Fã do futuro e da ficção científica, formada pela Academia da Frota Estelar. Cresceu na companhia das séries de Star Trek, Babylon 5, Arquivo X, Dark Angel, Firefly. Geógrafa e professora de formação, especialista no ensino de Geografia e mestra em Ciências da Terra, com ênfase em paleobotânica, só espera o momento certo para voltar ao seu planeta.

**Confira as outras publicações da Dame Blanche**

## A casa de vidro (As estações #1)



Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

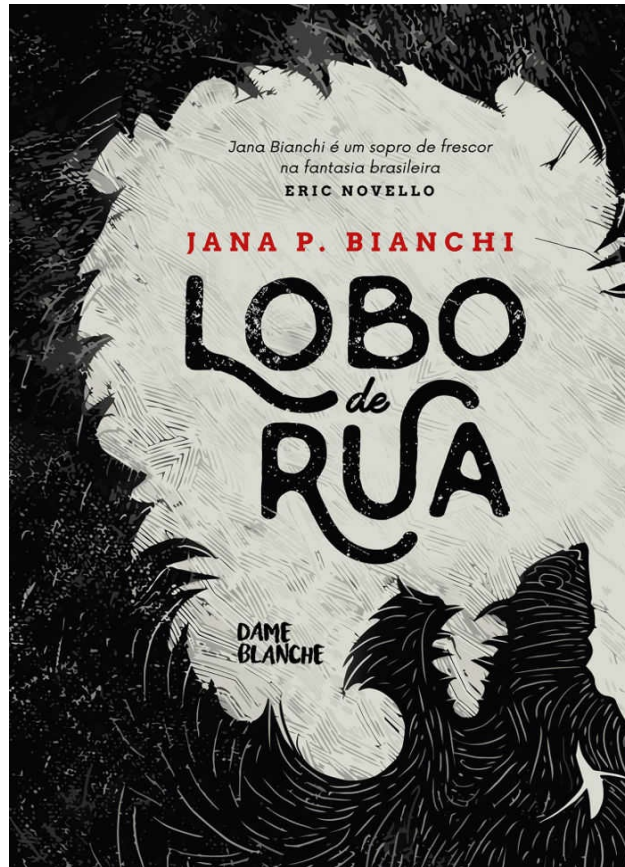


## Um berço de heras (As estações #2)



Belfast, 1924. Um homem acusado de assassinato põe um presídio inteiro em pânico: como é possível que nasçam flores e plantas de dentro de uma fria cela de concreto? Na tentativa de investigar o caso, um capitão do Exército vai se deparar com um mundo desconhecido - e com fantasmas que ele desejava ter esquecido.

## Lobo de rua



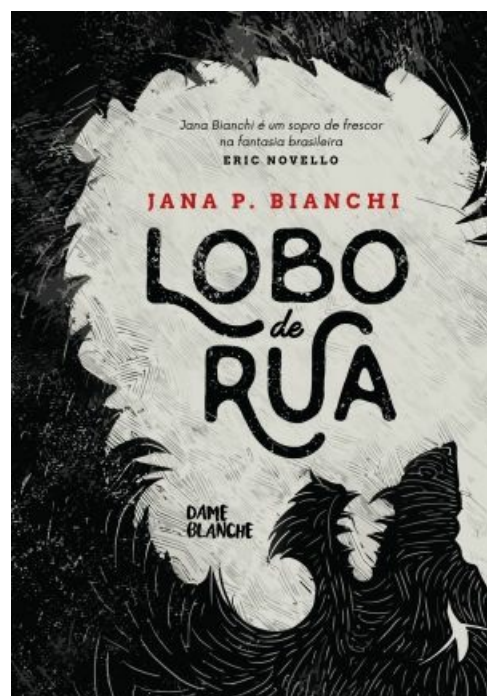
Raul é um morador de rua, um homem invisível e desgraçado como tantos os outros. Como se sua desgraça não fosse suficiente, Raul contrai a maldição da licantropia, tornando-se um lamentável lobo de rua. Tito Agnelli não compartilha do abandono de Raul, mas conhece muito bem a sensação de ser rasgado por dentro, todos os meses, pela coisa vil que se abriga nele. Assim, compadecido com o sofrimento do recém-transformado, Tito acolhe Raul na Alcateia de São Paulo, extinta até então por falta de lobisomens residentes na Pauliceia. Depois de décadas de contaminação, Tito conhece cada detalhe da maldição que o transforma em lobisomem. Além disso, conhece também a Galeria Creta, um lugar em São Paulo onde ele e outros dos seus são bem vindos nas noites de lua.

Basta pagar o preço.

## As Boas Damas



"As boas damas" é a aventura de Annabel Watson, filha do famoso doutor e parceiro de investigações de Sherlock Holmes. Anos depois da morte dos pais, Anna vive com Holmes, seu tutor legal, que está prestes a se aposentar, até uma última cliente aparecer: uma dama da sociedade, que confessa ter assassinado o próprio filho, desafiando o detetive a descobrir suas motivações. Holmes, com Annabel a tiracolo, vê-se diante de um mistério que parece encobrir um mundo sobrenatural.



# Lobo de rua

Bianchi, Jana P.

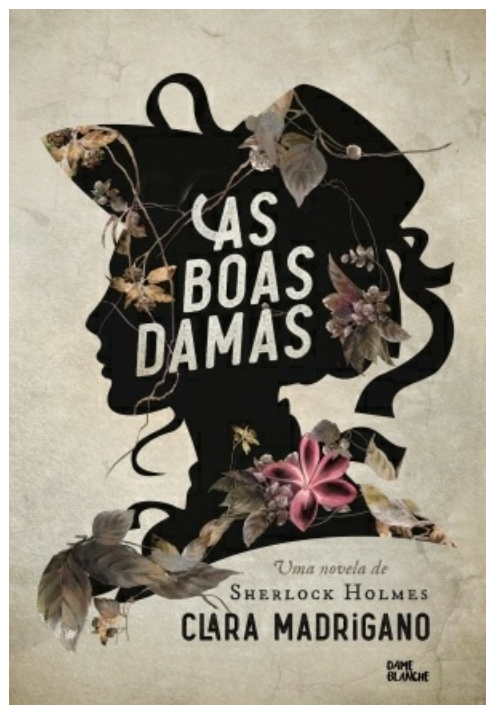
9788592997014

105 páginas

[Compre agora e leia](#)

Raul é um morador de rua, um homem invisível e desgraçado como tantos os outros. Como se sua desgraça não fosse suficiente, Raul contrai a maldição da licantropia, tornando-se um lamentável lobo de rua. Tito Agnelli não compartilha do abandono de Raul, mas conhece muito bem a sensação de ser rasgado por dentro, todos os meses, pela coisa vil que se abriga nele. Assim, compadecido com o sofrimento do recém-transformado, Tito acolhe Raul na Alcateia de São Paulo, extinta até então por falta de lobisomens residentes na Pauliceia. Depois de décadas de contaminação, Tito conhece cada detalhe da maldição que o transforma em lobisomem. Além disso, conhece também a Galeria Creta, um lugar em São Paulo onde ele e outros dos seus são bem vindos nas noites de lua. Basta pagar o preço.

[Compre agora e leia](#)



# As boas damas

Madrigano, Clara

9788592997045

76 páginas

[Compre agora e leia](#)

"As boas damas" é a aventura de Annabel Watson, filha do famoso doutor e parceiro de investigações de Sherlock Holmes. Anos depois da morte dos pais, Anna vive com Holmes, seu tutor legal, que está prestes a se aposentar, até uma última cliente aparecer: uma dama da sociedade, que confessa ter assassinado o próprio filho, desafiando o detetive a descobrir suas motivações. Holmes, com Annabel a tiracolo, vê-se diante de um mistério que parece encobrir um mundo sobrenatural.

[Compre agora e leia](#)







# A casa de vidro

Martino, Anna Fagundes

9788592997007

78 páginas

[Compre agora e leia](#)

Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

[Compre agora e leia](#)



# Um berço de heras

Martino, Anna Fagundes

9788592997021

60 páginas

[Compre agora e leia](#)

Belfast, 1924. Um homem acusado de assassinato põe um presídio inteiro em pânico: como é possível que nasçam flores e plantas de dentro de uma fria cela de concreto? Na tentativa de investigar o caso, um capitão do Exército vai se deparar com um mundo desconhecido - e com fantasmas que ele desejava ter esquecido.

[Compre agora e leia](#)